

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA
FACULDADE DE FÍSICA

GUY BARROS BARCELLOS

400 DIAS

Subjetivações, Assujeitamentos e Devaneios
Ontológicos de um Professor na Escola Pública

TESE DE DOUTORADO

Porto Alegre
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA

**QUATROCENTOS DIAS: SUBJETIVAÇÕES, ASSUJEITAMENTOS E
DEVANEIOS ONTOLÓGICOS DE UM PROFESSOR NA ESCOLA PÚBLICA**

GUY BARROS BARCELLOS

ORIENTADOR: PROF. DR. JOÃO BATISTA SIQUEIRA HARRES

Tese apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Doutor em Educação
em Ciências e Matemática.

**Porto Alegre
Março, 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B242q Barcellos, Guy Barros
400 dias. / Guy Barros Barcellos. – Porto Alegre, 2017.
158 f. : il.

Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Ciências e Matemática, Faculdade de Física, 2017.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Siqueira Harres

1. Educação. 2. Educação - filosofia. 3. Pedagogia.
I. Harres, João Batista Siqueira. II. Título.

CDU 372.85

GUY BARROS BARCELLOS

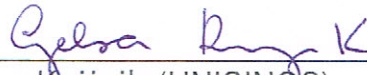
"400 dias: subjetivações, assujeitamentos e devaneios ontológicos de um professor na escola pública"

A tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovado em 27 de março de 2017, pela Banca Examinadora.



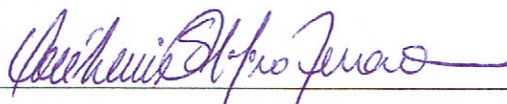
Dr. João Batista Siqueira Harres (Orientador - PUCRS)



Dra. Gelsa Knijnik (UNISINOS)



Dra. Regina Maria Rabello Borges



Dr. José Luis Schifino Ferraro (PUCRS)

Para Lauro Barcellos,
meu primeiro professor.

RESUMO

Esta tese trata da expressão poética e literária, entremeada por reflexões filosóficas e pedagógicas, sobre os processos de assujeitamento e as subjetivações de um professor na escola pública durante dois anos letivos de experiência como docente de Seminários Integrados e Projetos. No texto, influenciado por filósofos como Giordano Bruno, Bachelard, Cioran, Feyerabend e Nietzsche e poetas como Dante Alighieri, Tristan Tzara, Fernando Pessoa e Judith Cortesão, são elaboradas construções textuais em verso, prosa poética e aquarela. São expressos os tensionamentos sofridos pelo autor, que também foi o sujeito da pesquisa, no decurso da vivência que causou profundas modificações no seu ser/fazer docente e redefinições epistemológicas. É um texto sagrado ao devaneio, veículo da significação de elementos da memória como objeto de estudo para alargamentos poéticos e literários sobre o ensino em uma perspectiva pluralista e transgressora. Os contrastes de claro e escuro permitem dimensionar o relevo e descrever a topologia dos (des)caminhos de um professor que, entre ciência e arte, escolhe ambas. Trata-se de um texto noturno, porém capaz de lançar luz sobre nós górdios da Educação através da lucidez que somente a loucura é capaz de forjar.

Palavras-Chaves: Educação em Ciências; subjetivações docentes; assujeitamentos escolares; inovação didática.

RÉSUMÉ

Cette thèse traite de l'expression poétique et littéraire, entrecoupé de réflexions philosophiques et pédagogiques sur les processus de sujétion et de subjectivité d'un professeur dans l'école publique pendant deux années scolaires d'expérience dans l'enseignement des projets et recherche scolaire. Dans le texte, influencé par des philosophes comme Giordano Bruno, Bachelard, Cioran, Feyerabend et Nietzsche et poètes tels que Dante Alighieri, Tristan Tzara, Fernando Pessoa et Judith Cortesão, ils sont préparés des constructions textuelles en vers, prose poétique et aquarelle. Les tensions subies par l'auteur sont exprimés, qui a également été l'objet de recherches dans le cadre de l'expérience qui a provoqué de profonds changements dans son être / faire l'enseignement et reconstructions épistémologiques. Il est un texte sacré à la rêverie, véhicule des éléments de mémoire comme un objet d'étude pour les élargissements littéraires et poétiques sur l'enseignement dans une perspective pluraliste et transgressée. Les contrastes de lumière et d'obscurité permettent de décrire la topologie e la direction d'un enseignant qui, entre la science et l'art, choisit les deux. Il est un texte sombre, mais capable de faire la lumière sur des nœuds gordiens de l'éducation par la clarté que seule la folie est en mesure de forger.

Mots-clés: enseignement des sciences; sujétion et subjectivité scolaires; l'innovation didactique.

Vivo em minha própria casa,
Jamais imitei algo de alguém
E sempre ri de todo mestre
Que nunca riu de si também.¹

Esse artista é ambicioso e nada mais afinal, sua obra não
passa de uma lente de aumento que ele oferece a todos os que
olham em sua direção.²

S'insurger contre l'hérédité c'est s'insurger contre des
milliards d'années, contre la première cellule.³

Nous avons perdu en naissant autant que nous perdrons en
mourant.
Tout.⁴

¹ NIETZSCHE, 2012, p. 5.

² NIETZSCHE, 2012, p. 161.

³ CIORAN, 1973, p. 11.

⁴ CIORAN, 1973, p. 70.

Confiteor

Tenho medo da música secreta das coisas, de seus tons subterrâneos que me atravessam nas horas de solene tristeza, como misteriosas confidências de outro mundo. Uma grande tentação é a confissão das coisas (CIORAN, 2014, p. 112).

R_ememorar.

Estar onde estamos e tentarmos, não sem algum desespero, encontrar fragmentos arqueológicos dos cataclismos pretéritos. Rememoro, portanto, um episódio relevante para minha (de)formação como cientista e professor, advindo do profundo e intenso convívio com a Judith Cortesão. Humanista e ambientalista a quem tive a alegria - que, conforme Barthes (1989), é mais autêntica que a honra - de chamar de avó. Considero-a minha avó filosófica, pedagógica e primeira orientadora no caminho do pensar.

À época, a vó Judith morava em Rio Grande, em uma casa estilo português geminada a outra na qual instalara sua biblioteca. Lembro-me de que, além de seus milhares de livros, que ocupavam dezenas de caixas de papelão, também veio de Brasília com suas memoráveis: uma espada de um Samurai, louçarias portuguesas, uma salamandra de cobre que, conforme meu pai, parecia um navio incendiando, teares, rocas de fiar, esculturas carajás, tapeçarias (um dos tapetes ela dizia ser “voador”) e, obviamente, seu gato “Kaiapó” (este, conforme ela, tinha 150 anos, metade de sua idade). Vários aromas desprendiam-se de cada objeto, cada um deles impregnado de história e possibilidades. Cada um deles carregando em seus átomos a memória do encontro com a sábia.

O imenso micélio existencial e intelectual de Judith precisou de duas casas para instalar-se. Nelas, também, instalaram-se seus acólitos... Judith convertia fâmulos em êmulos. Contudo, antes da biblioteca ser adequadamente instalada, antes do expansionismo bibliotecômano de facto, as caixas dos livros ficaram algumas semanas num cômodo. Eram tantas que chegavam até o teto.

Um cânion de caixas de livros para o olhar de um menino de 8 anos. Para minha fortuna, as casas geminadas de Judith ficavam do outro lado da rua. Via, de minha janela, a luz acesa da cozinha e sabia que ela já estava em casa. Saía sem pedir, nem avisar e batia à porta da vetusta maga.

Santinho, tenho um desafio a fazer-te. Escala as caixas e experimenta abrir alguma. De dentro dela, tira o primeiro livro que vires. Desce com ele, e te conto uma história.

Muitos eram portentosos incunábulos. Lombadas de couro com letras douradas... Meu pai, chegando logo depois de mim, viu que fazíamos traquinagens... Sempre muito cuidadoso, ao ver o descabro da velha insensata e da criança curiosa, disse que devíamos tomar cuidado, pois algumas caixas, no empilhamento, estariam “em falso”. Eu, pequeno, não entendera o que seriam “caixas em falso”. Perguntei à Judith quais seriam as “caixas falsas”...

Santinho, não existem caixas. Por isto “falsas”. As coisas jamais deveriam estar em caixas... Em breve todos eles estarão juntos, outra vez. Reunidos em prateleiras a tagarelar...

Saiu, rindo com meu pai - que àquela altura abdicara de qualquer recomendação de segurança. Foram tomar chá e se aquecendo em frente à “salamandra-navio-incendiando”, que era mal vedada em sua chaminé e colocava fumaça para dentro da casa, deixando tudo com cheiro a madeira queimada. Uma defumação profana daquele mundo encantado.

Apesar de não mais conviver com Judith desde 2004, ainda hoje aprendo com ela. Tropeço em sínteses e inquietações que ela me inoculou e, somente agora, fazem efeito. Venenos de efeito lento. Ao ler Emílio, de Rousseau, reconheci-o. Sempre que eu chegava à casa da vó Judith a primeira pergunta era:

Santinho, Caíste hoje? Esfolaste os joelhos? Tens alguma nova cicatriz?

Quando mostrava-lhe alguma esfoladura feia, algum espriado hematoma, ela celebrava. Parabenizava-me. Joelhos intemeratos eram motivo para reprimenda. Não tenho como negar que esta formação percuciente e densa refleta no que sou hoje como professor. De muitas formas esta propedêutica da Judith repercutiu profundamente no que penso sobre o mundo. Em tudo que faço a cada instante, em minha sala de aula, percebo que muito pouco do que faço é diferente do que sempre fiz e fui. Ao mesmo tempo, nada do que hoje faço é igual ao que fiz ontem. Toda esta desconstrução constante, esta caleidoscopia, é advinda de uma despreocupação com uma estruturação. Assim, a vó Judith teve este papel significativo de pavimentar as vias nas quais transitariam minhas ideias. A cada instante que desdobro, que escavo meu fazer docente, aparecem fragmentos e evidências da presença de Judith Cortesão e sua Galáxia de ideias e ideais.

Apesar de ter ultrapassado os 90 anos, revolta-me a saudade que sinto. A ausência de Judith é tão eloquente quanto sua presença. Várias vezes sinto aquela vontade de bater na porta da casa dela, de enviar uma carta ou de dar um telefonema e perguntar: que faço agora? Contudo, posso dizer que sou aquinhoado com amigos professores que, comigo, pensam sobre as dificuldades que nunca falham nem tardam. Não há, no Educar, soluções descritas em manuais. Não há, de facto, um método. Educar é improvisação.

Quando iniciei o doutorado, iniciei com um espírito de navegador, daqueles jovens que embarcaram nas caravelas. Eu queria chegar a algum lugar, tinha um objetivo e tinha um foco. Caçava riquezas: “Ó, vã cobiça! Ó, glória de vencer!” Sentia pulsar em mim o amor heroico.

[Antecipo que esta (a/des)ventura converteu herói em trágico... “Nada mais estranho à tragédia do que a ideia de redenção, salvação e imortalidade! O herói sucumbe sob seus próprios atos [...]” (CIORAN, 2011a, p. 115)].

Pensava estar embarcando numa jornada na qual tornar-me-ia “melhor”, mais sábio. Afinal, estava destinado a ser douto. Iria ampliar horizontes, apesar da miopia. Iria crescer! O início do doutorado foi um momento de presunção. Outrossim, o ocaso desta época, que se deu há mais tempo do que agora,

ocorreu no vácuo. No vazio. Posso dizer que o espírito de “vã cobiça” converteu-se no amargar de um degredado, felizmente! Percebo que este título muda(rá) absolutamente nada. Melhora em nada a vida das pessoas. Não salv(ar)ei qualquer pessoa, sequer a mim. Morre, nesta praia, encalhada, asfixiada e exausta, a Utopia. Como disse Cioran, “Tudo o que eu poderia sentir e pensar se confunde com um exercício de anti-utopia⁵” (1973, p. 163). Seu fedor suplanta a podridão de uma baleia morta. Como um Jonas regurgitado sinto nos dedos a areia áspera e nas têmporas a luz ardida do Sol e do salitre. Eu e minha utopia abortada. Levantei-me, deixei-a ao banquete dos abutres. E fui. Morreu na buchada desta Utopia-cachalote a onipotência de mudar o mundo e a impotência de nada mudar. Morre neste encalhe a vontade de dar algo a alguém. Morreu afogada em realidade. Seus ossos talvez fossilizem, permineralizados por grãos silicosos de lucidez. E, “Quem, lúcido, se compreenda, se explique, se justifique e domine seus atos jamais fará um gesto memorável. A psicologia é o túmulo do herói” (CIORAN, 2011a, p.148).

Iniciei minha atividade docente numa escola particular filantrópica, com todas suas comodidades. Tudo funcionava. Era bom. Era estranhamente fácil. Destarte, passei a considerar que seria hipocrisia ostentar um título de doutor em Educação não tendo vivenciado uma escola na qual não tivesse sido, de facto, desafiado. Resolvi, portanto, fazer como os cachalotes: nado catadrômico - um mergulho nas profundezas. Fiz um concurso para magistério estadual e, na ocasião de minha nomeação, já estava padecendo desta febril utopia, da qual, até hoje, desconheço a etiologia. Desconheço a natureza desta insanidade, se é que as insanidades têm natureza ou se a própria natureza é uma insanidade. Pedi, na nomeação, que eu fosse enviado para o inferno. Pedi à porteira do Bátratro que me deixasse entrar. À coordenadora da SEDUC, pedi que me lotasse na “pior” escola. Disse-lhe que almejava a dificuldade. Apesar de ter-lhe dado a decisão de definir o “pior”, eu acredito que eu e ela tivemos uma imensa sintonia. A coordenadora acertou com bastante acurácia o que eu “idealizava” como a “pior escola”.

No decurso desta caminhada passei a, gradativamente, ter a percepção dantesca de que “No meio do caminho me encontrei por uma selva escura”.

⁵ Tradução minha

Esta sensação de estar caminhando em direção ao abismo foi talvez o que tenha me feito iniciar um novo pensamento, uma desconstrução da “glória de vencer”. Como disse Cioran: “Tenho pena daqueles que nunca tiveram nenhum sonho de dominação desmesurado, nem sentiram os tempos girarem neles.” (2011c, p. 57).

Aquela intenção salvacionista iniciou a ruir quando cheguei no Báratro, quando lá encontrei o que eu esperava, que era muito mais e muito diferente e exatamente o que eu pensava. Ao entrar naquela escola, tão professor, vi que lá não havia alunos para quem eu poderia ensinar. As pessoas que ali puseram para ser meu alunato não estavam vivendo o que eu considerava propriamente Educação. Lá estavam por motivos legais e ocupacionais. Percebi que não havia intenção de “construir conhecimento” e formar cidadania. Naquela escola não encontrei, de imediato, pessoas imbuídas de meu ingênuo - talvez cândido - salvacionismo. “Dos esfarrapados aos esnobes, todos gastam sua generosidade criminosa, todos distribuem receitas de felicidade, todos querem dirigir os passos de todos: a vida em comum torna-se intolerável e a vida consigo mesmo mais intolerável ainda [...]” (CIORAN, 2011a, p. 17). Demorou até que eu sentisse, por parte dos pares, um amor-ternura. Um amor lúcido, cálido e acolhedor. Naquela inferno não encontrei cândidos entre os pares. Conheci, sim, capatazes. Capitães do mato. Satanases torturadores do Malebolge. Jesuítas.

PERINDE AD CADAVER

Jesuítas asturianos querendo in(o)cul(c)ar sua cultura em reduções. Reduções de horizontes e de cabeças. Demiurgos malignos, alquimistas necromantes promovendo um longo e moroso processo de desidratação das cabeças de seus inimigos: os alunos. Justamente a esses alunos me irmanei. O lento e feio processo de redução e desmonte do pensamento era incapaz de vencer o poder afetivo daqueles alunos. Meus colegas professores eram “Vichys”, colaboracionistas para um Holocausto de ideias e pensamentos. Profetizavam, gaudiosos, a danação do alunato. E “Em todo homem dorme um profeta e, quando ele acorda, há um pouco mais de mal no mundo...” (CIORAN, 2011a, p. 17).

Ao deparar-me com aquela guerra silenciosa, com aquele cozinhamento em suco gástrico, pensei: quanto material! Senti-me, de certa forma, um Malinowski.

Hoje, lendo apontamentos e vendo fotos, percebo o grau de minha insanidade, “mas viver é estar cego em relação às suas próprias dimensões...” (CIORAN, 2011a, p. 17).

No meio do deserto, perto de mar salino, enxerguei uma próspera e verdejante plantação. Vi, na charneca, no charco inútil, uma grande e densa floresta tropical. O devir florestal do pântano e suas exalações. Não obstante, cedo percebi que não sabia fazer o que era necessário para a vida daqueles alunos. Percebi que todas minhas malas de ciência, meus baús de biologia e minhas burras de pedagogia eram peso morto. Meus contêineres de ideias... Tudo aquilo não servia. Lembrei-me de Paul Feyerabend (2011, p. 334):

Quem era eu para dizer a essas pessoas o que e como pensar? Eu não conhecia seus problemas, embora soubesse que tinham muitos. Não estava familiarizado com seus interesses, seus sentimentos e seus receios, embora soubesse que estavam ávidos para aprender.

Eram anódinas e imprestáveis teorias para que, naquele vácuo, houvesse explosão. Toda erudição nada mais era do que erosão da prática, toda minha vontade de algo salvar era insuficiente até para mim. Meu bote salva-vidas era um pedaço de madeira em que se agarrar no naufrágio, e não para ser resgatado, mas para viver mais um pouco sob o Sol e sobre o sal. Tudo que tinha ameaçado era pó. O anarquista epistemológico, mais uma vez, pede a palavra: “‘Professores’ usando notas e o medo do fracasso moldam a mente de nossos jovens até que eles tenham perdido todo grama de imaginação que possam alguma vez ter possuído. Essa é uma situação desastrosa, que não é facilmente corrigida” (FEYERABEND, 2011, p. 211).

Um dia vi uma montanha de livros didáticos sendo descartados. Lembra uma cena de inquisição. Pensei, horrorizado, no desperdício de recurso público. Choquei-me com a falta de pejo com a qual defenestravam o precioso texto escrito. Mas mudei meu entendimento após algum tempo. Descartem tudo. Aqui, nada presta. Ponham tudo fora. Queimem tudo!

[“Livros ignorantes e incompetentes inundam o mercado, uma verborreia vazia e cheia de termos estranhos e esotéricos sustenta expressar insights profundos, ‘especialistas’ sem cérebro, sem caráter e até mesmo sem uma pequena quantidade de temperamento intelectual, estilístico e emocional falam-nos a respeito de nossa ‘condição’ e dos meios para melhorá-la, e não apenas pregam a nós [...], mas são deixados à solta entre nossas crianças e permite-se a eles arrastá-las para o interior de sua própria esqualidez intelectual” (FEYERABEND, 2011, p. 211)].

Um lamarckismo bibliotecário nada mais era do que o apropriado para aquele material que nem a mim ajudaria. No inferno não se lê porque não há luz. Não se fazia, naquele local, nada parecido com o que a mais obtusa das pessoas possa pensar ser Educação. Eu havia entrado e penetrado nas entranhas de um moedor de carne, um verdadeiro presídio camuflado com as cores e a forma de um presídio para negar sê-lo. Uma prisão que só usava giz como pó de arroz para encobrir as marcas da varíola. Outrossim, o nudismo da vontade de tirar toda a vontade de quem lá estivesse era tão explícito que beirava a pornografia. De alguma forma, a gente se acostumava com aquilo. Acostumava-nos com a ideia de que, ao olhar para uma ruína, se pudesse construir alguém em algo que sequer estava construído. Era heresia albergar a ideia de se criar algo diferente onde a normalidade era lei. Aceitava-se a proibição da diferença. A interdição do pensamento era algo normalizado. Não se podia ser nem fazer. Como recomenda o filósofo, “Guardemos no mais profundo de nós mesmos uma certeza superior a todas as outras: a vida não tem sentido, não pode tê-lo. Deveríamos nos matar imediatamente se uma revelação imprevista nos persuadissem do contrário” (CIORAN, 2011a, p. 140). Cabia-nos, portanto, buscar o sentido. Onde quer que ele estivesse.

* * *

Eis que me acometeram os pensamentos que até hoje me atacam: para que serve toda uma universidade borbulhando papel - “papéis pintados com tinta” - e repleta de macrocéfalos ápodes? Do inferno eu via a torre de um castelo de marfim. E da vala eu perguntava: de que me serve ser douto? Para que saber, se estou num local onde se tira das pessoas o que faz a gente ser gente?

Qualquer tipo de vontade de florescer era combatido por lagartas famélicas. Com fúria, celeridade e violência. Inteligentemente! ... e perversamente. Inclusive a minha vontade. Afinal, meus colegas professores já não a tinham, e se tivessem escondiam bem por ser pequena. A minha não cabia em bolso, nem bolsa, nem pote. Ela transbordava, inundava e fazia um estuário.

Percebi que somente um mal maior era capaz de engolfar aquele mal. Essa percepção alimentou minha potência, uma vez que eu poderia me transfigurar em um Saturno devorador ou eu seria esmagado pelo sistema, pelos titãs. Eu não poderia me normalizar, deveria me diferenciar cada vez mais. Comecei a utilizar a estratégia do glioblastoma.

Vi que qualquer tentativa minha de fazer um reducionismo ou de aplicar o método científico, no qual fui bem doutrinado, não servia, não mudava aquela realidade, não melhorava o que eu estava tentando fazer e, mais do que isso, qualquer tentativa minha de explicitar, de revelar aquilo que estava fotografando com meus bastonetes e minha retina, tudo isso seria insuficiente, qualquer tentativa de neutralidade morreria no instante da própria tentativa.

Apreendi, no mestrado, que não existe observação dissociada de interpretação. Destarte, percebi que a interpretação convivia com as observações e que a emoção não dissociava da racionalização, todas as tentativas desesperadas que fiz de criar classes, de criar hierarquias, elaborar categorizações, de criar testes, de prever padrões, de identificar tendências, de cunhar setores de pensamento para elaborar uma interpretação analítica, aquilo mataria qualquer tipo de expressão legítima, genuína e intensa daquilo que eu estava vivenciando. Ademais, “Fantasias e, de fato, toda a subjetividade dos seres humanos fazem tanta parte do mundo quanto pulgas, pedras e quarks, e não há razão pela qual deveríamos modificá-las para proteger os últimos” (FEYERABEND, 2011, p. 300).

Fui para um local tentando ser “mais” professor, tentando dar ao meu título um lastro de experiência que não me permitisse cair na esparrela que eu tanto condeno em pessoas que ficam encasteladas em seus papéis e não tocam os dedos com a realidade... Não queria cair naquele equívoco e eu via que em minhas tentativas iniciais deu tudo errado. Fracassei miseravelmente porque

eu queria ser mais professor e saí mais aluno. Transformei-me no que sempre fui.

Tornei-me quem eu era.

Um dia um colega me disse: “ – Acho que o senhor é um aluno disfarçado de professor”. Repliquei: “ – É, também acho, mas não conte a ninguém”. Porque, acima de tudo, era de uma injustiça atroz pensar que quem mais estava aprendendo ali era eu. Eu mais aprendia. Saí da caixa, até porque tinha uma. Construí minha caixa muito cedo...

Para muitos alunos mostrei o mundo invisível ao olho com nosso velho microscópio, mas eu fui surpreendido, anos depois, com um convite insólito de um aluno que me encontrou na biblioteca da universidade para observar Júpiter. Eu nunca tinha olhado num telescópio.

Mostrei para tantas pessoas o microscópio, ensinei-lhes a usá-lo, contudo, nunca tinha olhado em um telescópio. Um dos alunos que conseguiu sobreviver àquele holocausto, ao qual eu mesmo sucumbi, apresentou-me a Júpiter. O encontro com Júpiter me permitiu ver que sim, eles eram meus professores e, sim, eu era um aluno e que não, não havia método que pudesse trazer com rigor e com consistência para as letras qualquer tipo de percepção, qualquer tipo de entendimento daquilo que eu estava vivendo, porque as ideias morrem quando as colocamos no papel, escrever uma ideia é assassiná-la, pois as ideias são fugazes e quase como um gato de Schrödinger, não há como abrir a caixa. Tentei abri-la, mas percebi que dentro dela havia outras, que me fizeram ver que não havia outro caminho, não havia outra escapatória, outra/uma solução. Até porque não havia solução que não o reduto de todos os desesperados e perdidos: a Arte.

Tentei encontrar uma terra nova a acabei encontrando um degredo, tentei encontrar junto comigo outros exploradores e encontrei jesuítas que viam em um rio com vitórias-régias e aves tropicais e viam satanases, porque quando os portugueses chegam ao Brasil eles enxergam o paraíso terreal e quando chegam os jesuítas eles enxergam o Inferno. Aquele inferno já estava habitado pelos mais violentos jesuítas e dominicanos que iniciaram, sem su-

cesso, felizmente, uma Inquisição na qual eu era um heresiarca interessante com bastante óleo para manter a imolação.

Dentro de um espaço que eu chamei de “Sala de Ciências e Consciências” tentei criar uma ilha de acolhimento, dentro de um local onde eu via que predominava a inciência. Expus a ciência em seu lugar como uma forma de conhecimento interessante, mas de modo algum exclusivo, que tem muitas vantagens, mas também tem muitos inconvenientes, pois "embora a ciência como um todo seja um aborrecimento, ainda assim pode-se aprender dela" (Benn, carta a Gert Micha Simon, de 11 de outubro de 1949, citada de Benn, 1962, p. 235 apud FEYERABEND, 2011, p. 213).

Local no qual eu, atravessando cada rio avernal, tive, como Dante, a gentil condução e companhia de um Virgílio. Chegar ao inferno sozinho e nele caminhar é impossível. É preciso que algum habitante de lá nos guie. Não sei qual foi a Beatrice que enviou o meu Virgílio, mas ele estava lá. Lá havia um carcereiro ruim e violento, diferente de Rocco. Era um Gerião tabagista, implacável.

Deixei minha maleta aberta sobre a mesa do carcereiro e, ao retornar, vi alguém de sorriso generoso a fitar o conteúdo. Aquele olhar sobre minha maleta era do meu Virgílio. Senti uma vontade incoercível de expor tudo o que eu pensava sobre Educação para aquela figura, mesmo que pudesse ser um inimigo. Não sou uma pessoa suspicaz. Felizmente minha intuição funcionou, porque ali encontrei uma identificação. Alguém com quem eu podia dividir um glorioso “nós” e salvar-me do pesado “eu”. A construção coletiva que fizemos na escola não foi uma construção física, concreta, porque quando eu encontro pessoas que vivenciaram tudo aquilo comigo, elas me dizem que nada mais do que fizemos existe. Respondo que nada fizemos, que não construímos coisas, que foi um fenômeno, aconteceu, foi um processo. Foi efêmero. O que valeu foi a vivência de cada pessoa, o que cada um pode(ria) fazer daquilo. Encontrei-me neste avançado estágio de decomposição intelectual que me permitiu transpirar apenas através de poros de arte e poesia, até porque, como diz Cioran (2011a, p. 32):

Só o poeta assume a responsabilidade do 'eu', só ele fala em seu próprio nome, só ele tem o direito de fazê-lo. A poesia se degrada quando torna-se permeável à profecia ou à doutrina: a 'missão' sufoca o canto, a ideia entrava o voo. O lado 'generoso' de Shelley torna caduca

a maior parte de sua obra: Shakespeare, felizmente, nunca 'serviu' para nada.

Não vejo outro meio de falar sobre o que eu gostaria de ter pesquisado e de expressar com a devida beleza, intensidade e respeito tudo o que eu passei, que não seja por palavras que não se ocupem em dizer alguma coisa exata.

Estou abdicando completamente da ilusão e da onipotência de crer ou de querer crer que o que eu digo, por mais exato que seja, esteja sendo percebido por quem ouve da mesma forma que eu imito e que esteja sendo interpretado por quem observa fielmente à ideia que eu quero transmitir.

As ideias são de uma palidez absoluta frente à intensidade das experiências e nem mesmo a mais brilhante e radiosa das ideias consegue dar a devida intensidade e acurácia da mais sutil e da mais rápida experiência.

Por isso, 400 dias são intraduzíveis de qualquer outra forma que não seja a poesia que, per se, já não tem preocupação com a forma, apesar de valer-me de alguns decassílabos. Tentei me tornar poeta...

Pois o poeta é um agente de destruição, um vírus, uma doença disfarçada e o perigo mais grave, embora maravilhosamente impreciso, para os nossos glóbulos vermelhos. Viver em seu território? Sentir o sangue enfraquecer, é sonhar um paraíso da anemia, e ouvir, nas veias, o fluir das lágrimas... (CIORAN, 2011a, p. 132)

Apesar da técnica que me é necessária para me expressar com clareza e do método que me foi necessário para poder fazer algo que fosse eficaz:

400 dias são intraduzíveis. Indizíveis.

Em 400 dias, percebi que a cada dia que passou, menos eu me preocupava com um futuro intangível, um passado implacável e borrado, dentro de um presente que se anula e que se faz presente a cada vez que eu penso que 400 dias se passaram tal qual os 40 minutos que passaram agora. Afinal, “a vida se cria no delírio e se desfaz no tédio” (CIORAN, 2011a, p. 27).

Passaram rápido.

Passei-os rápido.

Já era sabido.

Manifesto Festivo de um Réu Confesso

Um manifesto é como uma comunicação feita ao mundo inteiro, onde não há como pretensão nada mais que a descoberta de um meio de curar instantaneamente a sífilis política, astronômica, artística, parlamentar, agrônômica e literária. Este pode ser doce, bonomioso, ele sempre tem razão, ele é forte, vigoroso e lógico. A propósito de lógica, eu me considero muito simpático.⁶

(TZARA, 1996, p. 224)

Eis um escrito rodado em mimeógrafo.

Digitado com letras pálidas, indefesas e indefinidas. É o jorro de luz de uma auto-trepanação. David Hume (1972, p. 27) afirmou que “Todas as ideias, em especial as abstratas, são naturalmente vagas e obscuras; a mente tem delas apenas um escasso domínio. E são propensas a confundir-se com outras idéias semelhantes” assim, sendo esta uma tese sobre ideias, reminiscências, reflexões e devaneios, não pretendo escapar da natureza descrita pelo filósofo. Abdico da exatidão, da clareza e do (desejo de) domínio. Dominó de entendimentos provisórios, suspendo a razão de querer, em detrimento da rasa sensação que dá letras a quem as lê. A propensão em confundir-se funde-se ao desejo.

[Homem descabelado entra em cena, ofegante, olha para a plateia, desesperado, esfrega as mãos no rosto. Olhos esbugalhados. Inspira para gritar. Perde o fôlego. Caminha de um lado a outro do palco. Corre desolado. Sai de cena].

David Hume (1972, p. 38) afirma que “Quanto à Experiência passada, pode aceitar-se que ela fornece uma informação direta e certa apenas dos objetos preciosos e do exato período de tempo, que se tornaram conhecimento seu [...]”, assim sendo, buscando conhecer - afinal de contas, para que se faz um doutorado? - entendi que precisaria passar por uma experiência. Mas qual? Que experiência era esta de que precisava para considerar-me no caminho de um legítimo “douto”? Como poderia escapar - da inescapável - marca livresca,

⁶ Tradução minha.

teórica, masturbatória e da inócua caminhada de uma pesquisa em Educação? Menti desgraçadamente na vida. Faria o mesmo no doutorado? Pareceu-me interessante buscar uma outra forma de desonestidade... Afinal, se não tenho como livrar-me da nódoa do pecado, que não seja essa mancha a da falta de criatividade. Assim, resolvi adoecer. Resolvi buscar uma forma de profundidade que favorecesse o emergir de todas as pestilências e enfermidades. Como diz Cioran, “[...] as únicas experiências verdadeiramente autênticas são as que brotam da doença. [...] Só as pessoas que realmente sofrem são capazes de conteúdos autênticos e de uma seriedade infinita” (2012, p. 39). Então era isso. Adoeceria. Queria contaminar-me, afinal de contas, com a mais venenosa e infecta realidade.

Sob sombra de certeza, posso afirmar que, junto à decisão de “cair doente”, vinha - no arraste - um frívolo sentimento de heroísmo. Na intelecção de Cioran (2011a, p. 20):

Ninguém alcança logo de saída a frivolidade. É um privilégio e uma arte; é a busca do superficial por aqueles que, tendo descoberto a impossibilidade de toda certeza, adquiriram nojo dela; é a fuga para longe desses abismos naturalmente sem fundo que não podem levar a parte alguma.

Ora, estava disposto a abdicar do paraíso. Estava disposto à descer às abissas, a queimar minhas narinas na acidulência de emanações sulfurosas da puta realidade (à época, ainda acreditava nisso). Como autômato, sem entender bem as razões, comprei minha passagem só de ida para para o inferno (e mamãe nem avisou!). Bastava de jardins flóridos, de danças no bosque e de museus reluzentes. Bastava de sorrisos e alaridos. Tudo aquilo esvaziou-se de sentido, por sentir - havia muito - o mesmo que nem sei dizer. Sentia-me saudavelmente feliz, o que é um claro sinal de falta de saúde intelectual. Que sujeito era aquele? Quem era aquele empertigado cheio de certezas, transpirando perfume francês? Coitado dele. Ele desistiu de continuar sendo o que era para tornar-se o que sempre foi, e, por razões banais, sem qualquer nobreza. Pelo puro egoísmo de olhar-se no espelho e ver-se menos aquilo que não queria ser. Queria transformar meu destino numa questão subjetiva e ao mesmo tempo universal e, para isso, devia “descer todos

os degraus de um inferno íntimo” (CIORAN, 2012, p. 53).

Na tresloucada marcha rumo à desintegração, imbuí-me da atitude fundamental que, conforme Cioran (2012), se opõe à ingenuidade: a atitude heroica. Concordo bovinamente com o autor quando diz serem os dois únicos caminhos para “não sucumbir à imbecilidade” (CIORAN, 2012, p. 61), uma possibilidade que me atormenta frequentemente. Restava-me o heroísmo, e “a atitude heroica é o privilégio e a maldição de quem se desintegrou na vida. Ser herói [...] é desejar um triunfo radical, que só pode ser obtido por meio da morte”. Eu estava disposto a matar o que de mim fosse necessário para que triunfasse.

[Entra uma ratazana. Olha, de soslaio, para a plateia baixa. Aproxima-se, desafiadora. Pega um farelo. Examina. Abandona o farelo e corre, como se fugisse de algo, que jamais vem. Sai de cena].

Enquanto os ratos não falarem, meus amigos, posso ficar tranquilo. Tudo está bem. Apesar disso, tudo o que em mim brota é minha bancarrota. Minhas criações são mais do que atos, são putrefações... “Cada vez que temos uma ideia, algo apodrece em nós” (CIORAN, 2011b, p. 31). Céus! Eu e o Felipe num restaurante. Indaga-nos - para meu desconcerto - o garçom: Vocês são comediantes? Felipe responde rapidamente: Não, somos tragedos! Consertou-me. Ali descobri minha vocação. Fui batizado. Minhas putrefatas ideias são tragédias encomendadas pelo caos que me habita. E, finalmente!, meus amigos, finalmente consegui iniciar o caminho para o abismo tão sonhado. Quero, como Cioran, “arrebentar numa explosão radical com tudo o que há dentro de mim, com toda a energia e todos os conteúdos, escorrer, decompor-me e que, numa expressão direta, minha própria destruição fosse minha obra, minha criação, minha inspiração” (2012, p. 70). Como é morbidamente maravilhoso pensar que já engatinhava em direção ao meu desejado abismo sem saber! Que maravilha ainda maior - talvez arrebatadora - pensar para quais abismos caminho agora sem ter a menor ideia... E, afinal, o que quero com isso tudo?

Nada é demais. É menos. Quero meu lirismo. Quero encantar as ninfas açougueiras que irão me despedaçar e aspergir-me nos cantos da Terra. Quero aprender a tocar esta lira que nasce com cada um de nós e fica, em tantos, e para a sorte deles, intemerata. Quero, neste lirismo, monumentalizar minha

demência. Quero ver o que vi de mim e contar. Quero contar o que vi de mim e ver os rastros de gosma nesta lenta viagem nas entranhas do pouco que posso conhecer do mundo, que é o pouco de mim que posso conhecer. Dentro do que permite o limite das minhas capacidades, até porque “Já é satisfação bastante podermos chegar até aqui, sem nos lamentarmos da estreiteza das nossas faculdades, porque não nos levarão mais longe” (HUME, 1972, p. 47). O longe que for não será perto o bastante para descobrir que nada de muito interessante há para ser descoberto fora daquilo que chamamos de interior. Eu precisava aprofundar, afundar no que não sabia - e ainda não sei - bem o quê. Demorei a descobrir que “É fácil ser ‘profundo’; basta deixar-se invadir por suas próprias taras” (CIORAN, 2011b, p. 15). O problema era (querer) conhecê-las... Precisava de um curso de mergulho. Mas fazê-lo diminuiria as chances de afogar-me. Uma (in)consciência dominou-me, como o parasita que faz a formiga subir à ponta da folha para ser devorada pela vaca, e subi, oferecido, ao repasto do grande ruminante sistema... Menos saudável do que estivera, começaram os passos ao almejado bátraco. Ao mergulho. Iniciou-se a natação catadrômica do Polvo. E “Tudo o que é profundo neste mundo só pode brotar a partir da doença. O que não brota da doença não tem mais do que valor estético e formal. Estar doente significa viver [...] nos cumes. Os cumes, porém, não indicam necessariamente altura, mas penhasco, profundidade” (CIORAN, 2012, 75). Touché! Eis que achava (que achava) o caminho para minha danação. Uma gargalhada fez espalancar as bordas do Orco. Desfraldava-se um Inferno!

[Luz verde no palco. Corifeu de ratazanas (imensas): “Coitado dele! Rá-rá-rá! Coitado! Sentimos tanta pena que deveríamos ser galinhas, não ratazanas. Como é triste ver um mendigo andrajoso escondendo suas fedentinas com perfumes emprestados! Coitado dele! Rá-rá-rá! Coitado!” Apagam-se as luzes].

Danei-me. Apesar de não ter mais remota ideia sobre o que falo, dado o avançado estágio de composição das ideias, cavo algo que esteve dentro de recônditos cantos ainda não tocados pela luz. Temo, e com boas razões, a luz. Solífugo, lucífago e ombrófilo, escondo-me das luzes da ciência e seu aborto: o método. As ideias são foto-sensíveis e decompõem-se sob a claridade do rigor. Gárgula craquelada pela insolação impiedosa que fustiga a pedra, alço voo na

noite do solstício da vida acadêmica buscando esconderijo no qual possa desabrochar as ideias-raflésias e atrair moscardos que mergulhem no ácido néctar digestivo do sentimento descomprometido de qualquer racionalização metódica, consistente, embasada, válida e pré-moldada. Salve-me, Deus, Jesus e o Diabo de qualquer modelagem. Norma só a ópera, e aquelas da língua portuguesa, para que a náusea de ler o que outro escreveu seja menos intensa. Quem estimulou minha descida traiu-me, querendo, como relato da viagem, uma carta de Pero Vaz de Caminha. Nada de fuligem. Sem gemidos. Somente belos dias. Tudo está bem. Tudo está no seu devido lugar.

[Luz tênue, esverdeada, sobre o palco. Som seco, batidas ritmadas. Surge um homem. Corcunda. Caminha lentamente, como se se arrastasse. Arfa, quase asmático. Caminha até o centro do palco. Pára. Suspira longamente. Vira a face à plateia. Rosto contraído, enrugado. Olhar assassino. Geme. Retoma a caminhada, balbuciando pragas (ininteligíveis). Tosse. Escarra. Senta-se ao fundo do palco. Começa a comer uma maçã. Mastiga alto. Estracinha a maçã como se fosse uma carniça. Pára. Olha a plateia, desconfiado. Gesticula com desprezo, dando a entender que não quer chamar atenção. Respira com dificuldade, enfisematoso. Pigarreia. Joga a maçã mordida ao chão. Levanta-se com imensa dificuldade. Amaldiçoa grunhindo. Arrastando-se, sai de cena. Apaga-se a luz].

Aqui, senhores, aqui pretendo tocar a lira que usei nas baixezas. No ceco do mundo aprendi a tocar som que não fez Cérbero dormir, pelo contrário. Queria/quero exercer o lirismo da insônia. Acordes dissonantes para despertar Fúrias famintas. Nesta pulsão camicase, viajo por nebulosas interiores, rumo ao Nada. O que vi(vi) no Inferno? Não ousa comediar. Afinal de contas, sou tragedo. A sutileza de toda aquela violência é inexplicável, é prisão. Pois bem, eis que surge um irado nimbo. Um além-cúmulo. Ruge! Falemos sobre do que se tratará (Taratá!) nesta Tese. Sou ateu de tudo. Nem sempre o fui. Já cri em Papai Noel. Cri em Deus. Cri na Ciência. “Mas a ciência não é sacrossanta. O mero fato de que existe, é admirada e tem resultados não é suficiente para fazer dela uma medida de excelência” (FEYERABEND, 2011, p. 273).

Resta-me nada. Nesta chafurdação ateísta, vejo-me desprovido da mais remota possibilidade de recorrer à qualquer reza que seja. Talvez minha tábua de salvação seja a literatura. Se é que alguém (se) salva de alguma coisa. Padeço de letras. Sinto-as querendo sair pelos dedos, pelos poros. Hemoptise de palavras. Hemorragia de parágrafos. Sobre a sutileza, sobre o não explicável,

quero ater-me. Para Roland Barthes (1989) “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (p. 19). Não encontro meio (de cultura) no qual possam vicejar minhas palavras. O corte cirúrgico do formalismo acadêmico - bisturi que sempre segurei trêmulo - é corrigido pela capilarização incontrollável das aguadas que se encontram e for(m)am novas cores, indecorosas. Resta, portanto, trapacear com a língua. É uma trapaça salutar, uma esquiva, um magnífico logro que permite fugir do poder, numa esplendorosa revolução chamada literatura (BARTHES, 1989). Entenda-se por “literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (BARTHES, 1989, p. 17). Escrevo, portanto, pois é o que me resta, me cabe, me inspira, me salva, me dá prazer. Não tenho competência de negociar com o desprazer. Tudo isto é um libelo epicurista de um porco atolado na lama de sua teimosia. As emanações nauseabundas são um repelente à incansável polícia do pensamento. Ademais, nenhum freio se pode colocar aos raciocínios dos pesquisadores, a não ser que estes possam constituir ameaça à humanidade (HUME, 1972).

Sinto uma crônica indigestão, no sentido titânico e tantálico. Engoli os filhos dos outros, não me deixaram gestar meus próprios. Não há rifampicina que cure esta tísica intelectual. Empanturrado de referenciais, sinto uma insatisfação de quem bebeu água salgada buscando matar a sede. Cato citações no recato das bibliotecas e canto, a plenos pulmões, nada do que a musa antiga canta. Caem todos os valores. Nada quero que valha na velha escola. Não poss(u)o mais. Não quero mais repetir. Estas são mãos de quem não aceita mais repetir. Mãos que festejam. Mãos de arte(com)tesão. Fosse capaz, escreveria em um novo idioma e um novo alfabeto.

Vontade de festejar o pensamento (apesar do velório que me aguarda). Vontade de carnavalizar as ideias, descarnadas pelo rigor. Vontade de libertar meu espírito científico (aguardem Gaston!). Vontade de liberar as massas do maçante Nada que paira.

[Luz pálida sobre o palco. Aparece um cepo no centro do proscênio. Achas de lenha cercam o cepo. Apaga-se a luz].

Esta é uma tese sobre subjetivações e assujeitamentos. É uma tese de formações com arredores irregulares, gauches, acid(dentad)os e indefinidos. Não se trata de um lugar no qual se chegou, mas de um lento rastejar num mar de Aral cri-ativo. É caminhada (in)cansável, cantabile, desvairada em meio ao total caos da miopia incorrigível e inexorável e que não quer nada além de dizer o que se enxerga das escotilhas de um Kursk indirigível e indigerível por qualquer estômago aziago. Atrida que sou, esvazio cada átrio e ventrículo com válvulas rompidas nos percalços de uma peregrinação sem Deus, sem fé, mas repleta de consciência do que mostrou Cioran, "que descobriu a maneira mais saudável de ser incurável" (SLOTERDIJK, 2013, p. 82). Não há cura para um curador de coleções voláteis, versáteis e di-versas na perversidade de um(a) corte que, sem dó, mi, nem π e idade, mas com Sol. Arado de pensamentos que vincam um solo de terreno salitroso. Nesta migração sem sextante, sem bússola nem mapa, buscou-se apoio somente dos haustos do pensamento ardido, pois "tanto nos apoiamos nos outros que acabamos por perder as forças" (MONTAIGNE, 1972, p. 75). Não tenho como falar de/ por/ sobre/ em outros. Só posso referir-me a/ por/ sobre/ de/ em/ "ni" mim. Como poderia dizer por outro? Como poderia dizer (de mim) o que (pen)sei usando a pena de outros? Resta cantar minha própria música, até porque "ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido" (NIETZSCHE, 1974, p. 383).

Erisícton empanturrado, anulado pelo furor. Que fome de si que causa em alguém tamanho solipsismo. Somente o cinismo antropofágico de um ensimesmamento lacrado na teimosia de um bivalve. Hermetismo esquizóide e categórico no qual se pensa saber sozinho e querer em-si-na(rr)ar-se a-ventura de tentar tornar-se, sem saber, o que sempre foi. Hão de ver um monumento de-mente que nada mais visa a pedir licença para que se diga. Exercer "o direito de dizer tudo, ainda que a título de ficção e de experimentação do saber, e o direito de dizê-lo publicamente, de publicá-lo" (DERRIDA, 2003, p. 18). Rejeito, portanto, um objetivo fixo em vista, pois não sou (mais) capaz de exercícios metódicos. Como Cioran, pratico a rejeição a todas as vias dirigidas a um objetivo de prática e, neste espírito, busco a "desconstrução das noções de

base e, de outra parte, a concretização entre noções descoloridas" (BACHELARD, 1968, p. 27), colorizadas por minha total inóxia para o objetivo e o desejo irrefreável de usar o lirismo para transcender do empirismo ao onirismo. Mesmo que se fique pousado no idiotismo.

Quero ter coragem de me servir de meu próprio entendimento, e eis um projeto nebuloso, talv-espontâneo, autobiográfico dada adoecido, uma quasi-exumação, pois "não se pode ser um autobiógrafo sem ser um autopatógrafo, o que significa publicar seu prontuário médico. Ser honesto significa dizer o que lhe falta" (SLOTERDIJK, 2013, p. 74). Significa dizer, portanto. E, fazendo-o, a cada espaço o que falta se mostra, enudece e-mu-de(s)ce a patologia de um Quasímodo que sonha em ser Rigoletto e gritar: Cortiggiani, vil razza dannata! Opero com poucos elementos, transfigurados por um desejo empedoclesiano de pular na garganta do Etna. A de-formação de um professor que se desconstruiu tentando justa/amplamente ver que não estranha, dado o modo clássico pelo qual se aprende, que "nem alunos nem mestres se tornam mais capazes embora se façam mais doutos" (MONTAIGNE, 1972, p. 75), ter perdido qualquer pré-tensão de algo conseguir com este algo(z). Creio ter aceito o convite de Barthes, visto não ser sua "Aula" (1989) "uma fala magistral mas uma escritura, nunca é uma ameaça de opressão, mas um convite ao jogo" (BARTHES, 1989, p. 57). Por isso, faço desta escritura uma festa, ébria como o barco, como a rolha flutuante de Rimbaud. Uma festa de transubstanciação do saber em sabor. Buscando a "Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível" (BARTHES, 1989, p. 49).

[Luz azul no palco. Cepo e lenha continuam ali. Menino triste entra em cena. Tremebundo. Olhos marejados. Cabeça baixa. Caminha lentamente, sem vontade, até a beira do palco. Agacha-se e pega, no chão, um livro de capa de couro verde-escuro, com um grande "N" dourado na capa. Abre-o. Lê, por cinco longos minutos. Sorri. Fecha os olhos, respira fundo e dá uma imensa gargalhada. Apaga-se a luz].

Queria ser mais herói do que sábio. Queria salvar alguém e tornei-me, vejam a ironia, um apologeta do desespero. O que lerão, nada tem de fato. O que de facto tinha, já virou ficto. A (in)suficiência das palavras, larvas que me

destrinçam, fazem necessária a electrocução da intelecção. Quero (es)tudar, o tudo e o todo, atoleimado pela negação do completo pelo complexo (BACHELARD, 1968), pelo amplexo ao incompleto e desforme. Busquei examinar todo o possível. O possível e o real. Quis pensar em uma coisa que talvez poderia ser por meio de um com-pensar como um sonho, um entendimento onírico. Quis passar do pensar empírico ao pensar onírico utilizando a filosofia do “por que não?” (BACHELARD, 1968). Elabora-se um conhecimento observando as experiências, mas, ao mesmo tempo, ao escrever e oralizar. E este devir professor-aluno deve-se ao facto-ficto de que professor pode ser qualquer um que pesquisa, pois “há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar” (BARTHES, 1989, p. 49). Este não-saber não é dissabor, é pestilência da angústia - eis este ensaio teórico para carpir o bom-senso - de não saber quem sou, somente quem estou, e não ser possível - sequer remotamente - o que os outros pensam do que sou-estou. “Nascemos para existir, não para conhecer; para ser, não para afirmar-nos. O saber, tendo irritado e estimulado nosso apetite de poder, nos conduzirá inexoravelmente a nossa perda.” (CIORAN, 2011c, p. 51).

Apelo à poesia por esta impossibilidade de falar sobre/para os outros. Só posso falar deste que vos fala e, como não entenderão o mesmo que entendi (agora, neste momento), recorro à poesia para que entendam o que quiserem. Escudo-me, também, em Nietzsche (1974), que disse ser ele uma coisa, outra seus escritos, que abdicou da pretensão do entendimento alheio do que escreveu, por fazê-lo tão displicentemente quanto convinha.

A poesia que para nada serve, que, de tão inútil, diz sequer o que quero que pensem que disse. Quero, sim, que outros estudem o que lhes pareça útil, pois eu irei fazer o que para coisa alguma serve. Gero um beijo futuro nas margens separadas pelo corte. A serpente da corte. A co(o)rte de vultúrias-cupim estracinhando o rebotalho de um texto sem-fundos. Uma negação da verdade e do completo, porque isso é, justamente, o desejo de verdade do espírito científico (BACHELARD, 1968). É fuga do obscurantismo da luz, escapar do fetichismo da razão e do fanatismo do universal e aceno ao entendimento de que "o real é um caso particular do possível. Essa perspectiva

é, sem dúvida, adequada a marcar um alargamento do espírito científico" (BACHELARD, 1968, p. 48). Permissividade do devaneio no vago projeto de feira de (insufi)ciência(s) - das palavras, na feira de produtos orgânicos do pensamento.

Esta preparação teórica (in)dis-pensável é/está um acinte ao artista que nada quer, pois "políticos, reformadores e todos os que reivindicam um pretexto coletivo são trapaceiros. Só a mentira do artista não é total, pois só inventa a si mesmo" (CIORAN, 2011a, p. 31).

É um artesanato de esvurmar purulências dos processos interiores de coabitações para auto-fazer-se sujeito que é(-stá) contra os estamentos que negam a multiplicidade de ser-se/estar-se. "Há coisa mais vil do que dizer sim ao mundo?" (CIORAN, 2011a, p. 85). Fazer-se(r) docente (des)legitimado, questionando a essência de si, numa exploração ontológica que não visualiza-se fora do barbarismo da poesia, do lirismo que é visigótico, (h)único e incivilizado, derrama sangue in-sincero e chama(s) a-qu(é)m. Além da verdade nova, que nasce apesar da evidência, da experiência nova que nasce apesar da experiência imediata (BACHELARD, 1968) e premeditada pela esperança de quem tem.

Neste báratro em que se mergulha, a hipótese/hipértese é tão real quanto a experiência. Hipótese é síntese e hipótese é barbarismo abastado pela presunção de um espírito aquinhoado por vontade. Nosso espírito é um pedaço da matéria, a razão, um produto do espírito que utilizamos para explicar a realidade (BACHELARD, 1968), ou aquilo a que damos o certificado de realidade. Uma realidade cujas verdades são relativas, estudadas por domínios limitados, porque todo pensamento formal é uma simplificação psicológica inatingida, um tipo de pensamento limite jamais atingido (BACHELARD, 1968) e causador de minhas mais espinhosas perguntas, pois têm resposta. Pior do que não ter respostas é tê-las e nada poder fazer com elas, ter uma tese inflamatória, inflamável e chamar bombeiros que apagam fogo com livros.

[Luz verde no palco. Corifeu de ratazanas (imensas): "Pensa ser ele polvo, dantes nunca visto! Já visitou o inferno que quer que acreditem! Coitado dele! Rá-rá-rá! Quanta presunção em um só corpo.

Carne putrefata postergada às calendas. Tolo! Acha que cantar espanta algo, alhos e bugalhos. Coitado dele! Rá-rá-rá! Diz mentiras para soarem verdades suarentas. Ai! Ai! Ai! O fedor que exala da verdade castrada querendo decolar. Quanta pena! Quanto piche! Mandem servir acepipes na ratoeira! Apagam-se as luzes.]

É preciso saber, mas “cumpre indagar quem sabe melhor e não quem sabe mais” (MONTAIGNE, 1972, p. 75), também resta saber o que é saber melhor. Talvez seja saber menos, criar mais, mas “O que sabemos nós próprios? Que pensamos? Que fazemos? Um papagaio poderia substituir-nos” (MONTAIGNE, 1972, p. 75). Não! Papagaios vivem demais, e vivem porque vida é repetição. Quem cria é demiurgo, e estes jamais morrem. Sinto-me tomado por um furor (incen)diário, frenesi ígneo das origens do Cosmos. Empédocles mergulhador, voando em direção ao Nada. Queimar o que houver em mim de antigo e ir até um pretérito perfeito no qual não se busca senão o devaneio. O Universo fez fogo para nascer. A fúria do mesmo fogo devorou a Biblioteca de Alexandria. Nero de mim mesmo, aniquilo qualquer sombra de passado. Passado à limpo, conspurco as vestes e monto, leproso, despedaçado para uma guerra já perdida por uma Jerusalém-miragem. Transfigurado em Saladino, sorvo gelo e explodo relicários que não deixam pensar para a frente, seja onde for este lugar. Mais medo tem quem me acusa da sentença em executá-la do que eu em ouvi-la e sentir a lambida cálida da labareda que alça aos infernos do pensar.

Ilhado neste tubo-de-ensaio, trans-bordo-me a buscar quem também esteja nesta sintonia. Um tudo de ensaios que jamais encenam, que ululam ao brilho de uma Casta Diva conspurcada pelas nódoas do (pens)ar de uma alcateia que vaga, errante. Ouço, ao longe, sons desses quens pensantes, inacessíveis aos insulanos deste feudo. Apesar de estar na urbe eterna, não seguirei prescrições. Sou cartaginês disfarçado no Lácio. E lá, onde não (des)graçam alunos (des)ajustados, vi que se trata de matérias e da escrita (COSTA, 2007), tratando do que se encontra nas coisas. Tal como Campos (2013), este texto busca compor espirografias em meio à vida mutante, usando a educação como um campo exploratório a dar vazão aos fluxos de pensamento promanados da fervura de caldeiras de um averno terreal. Os vapores que hidratam as ideias deste texto, gesticulam content-áculos que

emp(r)enham a mente de tinta transparente, capaz de manchar todas alvas vestes de um biólogo em apoptose epistêmica metastática. Um biólogo pedreiro, que faz da tese um canteiro de experimentações (CAMPOS, 2013) e desvertebra-se para inveterar-se na literatura que nada resolve, graças a Deus. Uma tentativa de pensar todas as possibilidades experimentais (BACHELARD, 1968).

Dissolver e resolver, jamais. Quer-se, aqui, com todo desejo que há num ser, a abjurada con-centração de um gauche quasímido estancado pelos trombos do rigor e que, com estrondos, esvair-se-á em hemofilia de letras. “Todos os proscritos da vida provam que foram insuficientemente sórdidos...” (CIORAN, 2011a, p. 85).

Eis, camaradas, uma pró-tese pré-Cambriana, um coacervado de palavras polimerizadas pela afinidade molecular de ideias fada(da)s a serem extintas pela imensa e incoercível necessidade de caçar a imitação. Ora, por que deveria ela ser algoz de alguém incapaz de tentar ser o que ela tanto cuida para que sejam obedecendo seus livros sagrados? Feil (2009) diz ser necessário, para transgredir, insistir com as formas que nos aborrecem, na esperança que se desmontem. Mas sou gente de agorança. Meu negócio é fazer: “[...] a esperança é uma virtude de escravos” (CIORAN, 2011a, p. 187).

Eis a potência camuflativa de um molusco dacticéfalo inédito. Observem o jorro do vulcão tintureiro que de suas molengas entranhas expela a tinta que tinge o palor da folha com suas in-quieta-ções, geradas por um corpo que afirma a potência do infinito de uma vida finita e a impossibilidade de permanência (SANCHOTENE, 2013), onde quer que esteja, porque, raios!, tudo que está parado se mexe como enxame, por dentro e por fora. Limites (e) impostos são alvo de minha a/trans/di/re-gressão e, conforme Sanchotene (2013), esta impossibilidade de permanência trata-se justamente da tentativa de negar esses limites. A permanência de uma forma definitiva é impossibilitada por aquilo que do sujeito é provisório - ou seja: tudo - e, sendo assim, um inventar vida (SANCHOTENE, 2013) é, possivelmente, o que penso ser o que desejo com esta Fuga de Bach. Cellos executam melodia contrapontista repleta de contradições, aditas ao cais de onde partiram naus jamais retornadas. Lido deserto, temor de um vento que não venha ou de

borrasca que chegue de súbito e leve as enxárcias e o velame. Fico eu num barco a remo, e o mar transfigura-se em rio. Toma-me da mão o remo um alguém sombrio. Cobra uma moeda e leva ao profundo ceco do mundo.

[Luz verde no palco. Corifeu de ratazanas (imensas): "Estamos cansadas. Cansadas com letras salpicadas no vazio. Estonteia-nos a cavidade deste azedo oceano de saberes estéreis. Meninas! Vede, é um polvo nos infernos. Um polvo imolado em campo de gineceus lacrados, de androceus eunucos. Quanta tinta evaporada. Quantos poros retintos! Quantos polvos calados. Esculacho desta vida que não aprende coisa que não seja açúcar". Apagam-se as luzes].

Le(n)do (o) engano de encontrar no inferno o que buscava. Orlando e Orfeu sabiam o que desejavam, eu não. Quero o passeio, a caminhada, o durante. Dantes nunca navegados, rios de morte escorrem em salmoura que conserva os horrores da atroz alvorada jamais vinda, no bátrato profundo, onde tudo é exalação pútrida, vi que é possível matar o morto. Na ravina aberta por onde caí, rachadura de territórios que me aprisionavam na superfície, sujei(tei)-me do que precisava para que a escrita torne-se expressão da mais absoluta loucura, do lirismo, do heroísmo e de tudo mais almejado por alguém que não quer sê-lo quando crescer, mas que deseja ser anão, neotênico, tectônico e titânico, ser o que jamais foram, por mais que não se saiba de alguém ter antes conseguido. A escrita serve-me, pois é lugar de intensificação da imaginação, uma linha de fuga que nos leva a encontrar intensidades perversas e anômalas (FARINA, 2009). É a pedra fundamental do colapamento entrópico de energia represada capaz de(-)formar Uni-versos nos quais a grave idade só é capaz de criar nebulosas, nas quais as estrelas são buracos-negros das entrelinhas e onde a treliça de ideias assemelha-se à mais efêmera espuma do mar. Espuma gentil que não a-paga as pegadas de quem aqui estiveram antes caminhando. Deucalião de letras, ainda a-guarda raios que dêem sopro ao rebotalho. Seus andrajos tecidos com a mais fina linha, do pensamento mais cortante e patuás para os quebrantes da vetusta e imorredoura senhora, Prosérpina a quem suplico: este não é um método de explicação, mas um meio de produção (FEIL, 2009), de criação, e jamais se pode negligenciar uma possibilidade que paira sobre um objeto da criação (BACHELARD, 1968). Ademais, pressão alguma há de transformar meus carvões em diamantes,

afinal, nesta gélida lura, não hão de aquecer-me pedras duras.

O que já marchou até aqui não permite ré, volta a lugar já devastado. Vejo caos, uivo a um céu sem estrelas e no qual brilham entrelinhas que sibilam como orden(h)ar ideias e talhar textos sem (p)rumo e des-re(s)-peitar/petir a estrada as-faltada, de dentro de um estuário surge a mão de Viviane: presenteia-me com uma Excalibur-facão para abrir picada e desbravar, em bravatas e macaquices, a selva opaca de um pensamento exploratório acrobata, de uma criação emiliana, de joelhos esfolados e pés enlameados. Quis, no inferno, e quero, aqui, no purgatório, afrontar as certezas e as verdades sobre aluno, professor e escola, para ser capaz de criar (NODARI, 2013). Assim, pode-se considerar este texto como um esforço poético, um esforço criador, realizador que, por súbitas inflexões reveladoras, fazem as sílabas formar palavras, verdadeiras palavras, que falam à razão e que encontram, na realidade, uma coisa à evocar (BACHELARD, 1968). E que coisa é essa?

Pa-lavrar e alagar o pensamento construído em experiências. Larval estado, de emergência. Emergem cadáveres rejeitados pelas sapróbias de minha memória, fazem-me pensar em relação ao que faço e ao que me constitui.

Des(cons)truo-me pela necessidade de negar a estrutura, pela estatura que desejo ter, pela potência do criar que se movimenta no engenho de dentro. Questão ontológica aflige-me e faz girar a roda da Fortuna Imperatrix Mundi e ver que, como a lua, seu estado variável faz do existir caleidoscópico, cacoscópico/ giroscópico - in girum imus nocte et consumimur igni - do que vi(vi)-senti e calo-me expressando em letras e águas, de lágrimas amargas e autênticas, deste pedinte que pede e que puxa células e átomos, moléculas e átomos na fuga desesperada para salvar o que o Nada pode destruir, numa esgrima de pincel. Hão de encontrar, por este ácido rélico, o que fez tateando num baile de relevos lisos raspados pela rádula áspera da les-mínima que seca a baba e gosta de gosmar sem gozo nem regozijo. Inexorável linha que não diz respeito até que o polvo jorre tinta pálida que fecunda o presente-papel e o devir Titã-bactéria. “Nem pacto com a vida, nem pacto com a morte: havendo desaprendido a ser, consinto em apagar-me. O Devir, que crime

enorme!” (CIORAN, 2011a, p. 158). Acompanhará o mergulho no talude da insanidade um dicionário ilustrado interior feito pela não-ensaiada cegueira de um noctífono *lettreferits*. Ferido de morte pelos tipos, traça o papel que carcome banhando em lágrimas capazes de hidratar a mais empedernida xerófito.

[Luz pálida no palco. Mulher macérrima entra em cena. Fumando. Senta-se. Cepo e achas de lenha atrás. Termina de fumar. Olha por uma janela que não está ali. Põe para fora o braço. Gesticula ordenando algo, como se mandasse alguém sair de onde está, mas querendo que nunca saia dali. (Um gesto paradoxal). Rosna. Escreve uma receita em um pequeno caderno. Amaldiçoa, balbuciando. Escreve num quadro negro, que também não está ali. Mastiga o giz. Engasga-se. Apaga-se a luz].

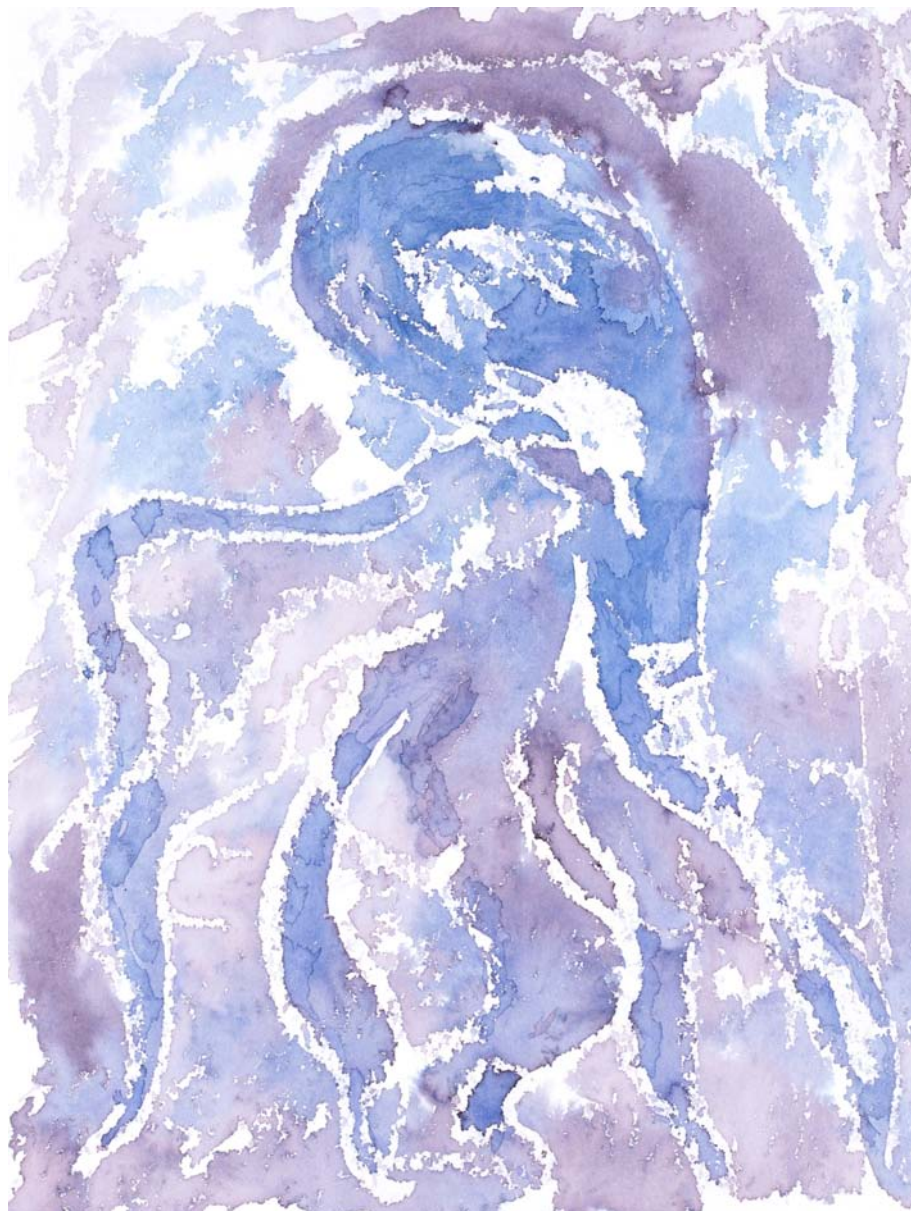
Sangrando de regras singro um mar em tubo de ensaio, (ar)rimo de um aristocrata que sonhou ser maior seu céu do que os romanos. Teimosia em sentir que não se faz sentido ao tentá(cu)-lo em (espa)ventosas segurantes das mais remotas memórias putrefando sob areais de ampulhetas coladas na mesa de Júpiter. Acendem aos céus num campo de flores as moléculas leves de um professor que ousou ensinar a saber sonhando. Eu quero ser maldito! Deixem-me! “Que seja maldita para sempre a estrela sob a qual nasci, que nenhum céu queira protegê-la, que se disperse no espaço como uma poeira sem honra! E o instante traidor que me precipitou entre as criaturas, seja para sempre riscado das listas do tempo!” (CIORAN, 2011a, p. 222).

Tese saindo do engenho de dentro e eu saindo do eixo. Eixo de rotação, de translação tresloucada. Lá, a ação é fora da órbita dos olhos que viram Júpiter. Deus, suicida, mata-se a cada instante para renascer em ondas, vagalhões elétricos de cada grão de pó. Grave idade gravada na pedra forjada no coração de cada estrela que faz Júpiter pensar-se Lua. Judith abraça o Universo neste verso sem rima, nem remo, à deriva no pedregulho ciano, cianureto da Via Láctea intoxica cada fibra de rebeldia pura. Giordano Bruno descortina e queima os dedos no tecido ocultando o proibido saber-ser.

[Luz fortíssima sobre o palco. Mulher nariguda (apesar de não ser culpa sua). Fumando, também. Sorri. Serve café em uma xícara. Bebe. Cepo e achas de lenha estão ali, ainda, mas nunca estiveram tão ausentes. O homem assustado passa gritando, ela não se abala. A mulher magra passa fumando, ela

não vê. O corifeu de ratazanas entra, carpindo um defunto num féretro: o corcunda enfisematoso. Ela ignora. Homem assustado, agora com olhar lascivo, entra grunhindo. Abraça-a por trás, esfrega-se lascivamente. Ela ri. O homem vai embora, não volta. O menino triste entra em cena. As ratazanas choram ainda mais alto. Joga a baga do cigarro no chão. Serve-lhe café. Ela abraça o menino com todo amor que há no mundo. A mulher magra, suja de giz, pega a baga do cigarro e come. Engasga-se. Um homem de vestes negras, com a boca tapada por uma corda de sisal é amarrado ao cepo pelas ratazanas, que já não mais choram o defunto, que desaparecera. A mulher nariguda pega o livro com um "N" na capa e começa a ler, sentada ao chão, para o menino triste. Eles sorriem. A mulher macérrima vomita a baga do cigarro sobre as achas de lenha. Uma labareda sobe. As chamas começam a lamber as vestes do homem, que tenta gritar, mas não consegue. As ratazanas fogem, horrorizadas. As achas de lenha eram livros. A luz intensa apaga-se. Somente as chamas aparecem. Fecham-se as cortinas].

Nesta Alexandria reconstruída, aluno encontra aluno e vira professor,
da bala ao belo levitar do magno astro no mistério vácuo enorme olho,
fita o bicho-humano curioso a desobedecer a natureza do olho limitado.



{DE COMO ME TORNEI ENCANTADOR, SIMPÁTICO E DELICIOSO

Eu durmo muito tarde. Suicido-me à 65%. Tenho uma vida barata, não me custa mais que 30% da vida. [...] A morte é mais cara. Mas a vida é encantadora assim como a morte. Estive, há alguns dias, numa reunião de imbecis. Havia muita gente. Todos eram encantadores... Inclusive eu, poeta menor, que dava conferência sobre a arte de ser encantador. [...]

A simplicidade é simples ou dada?

Considero-me muito simpático (TZARA, 1996, pp. 236-237).⁷}

⁷ Tradução minha.

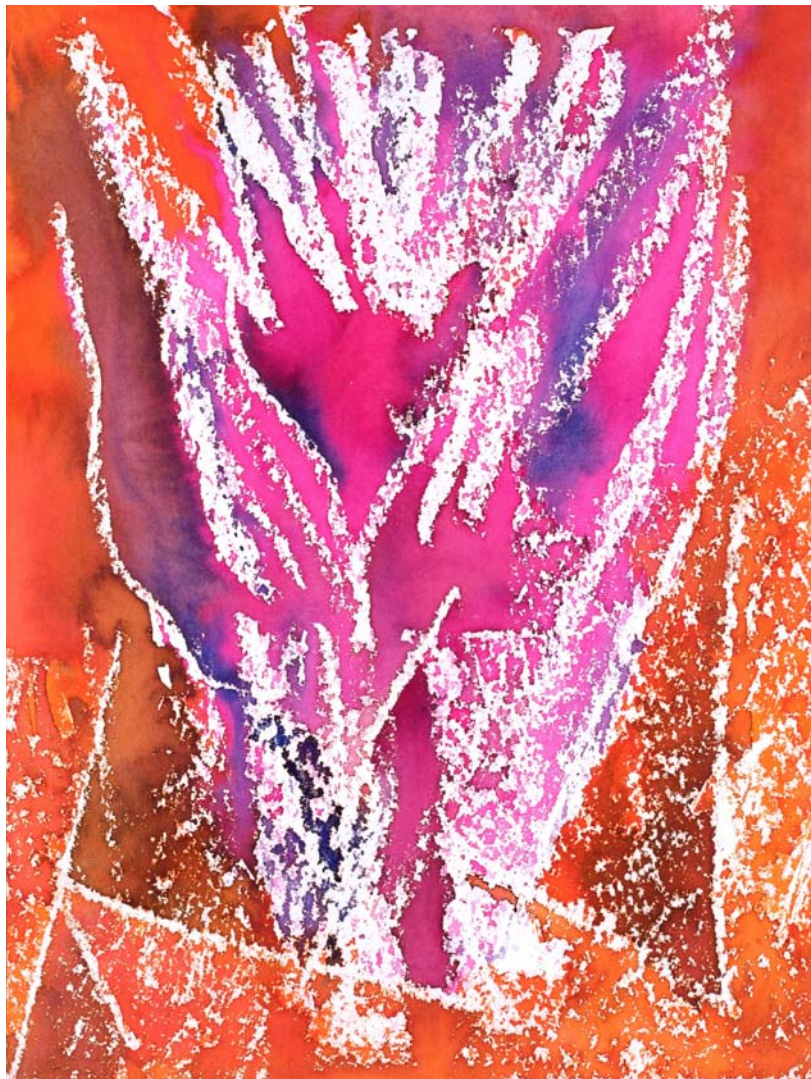
Um, dois, três, quatro – sinto os dias que não (pas)saram.



{“Como nosso destino é apodrecer com os continentes e as estrelas, exibiremos, como doentes resignados, e até a conclusão das eras, a curiosidade por um desenlace previsto, medonho e vão” (CIORAN, 2011a, p. 222).}

FOGO!

Dada, (n)em/mim mesmo em 400 dias.
Grelha dos apóstatas!
Um tragedo cresce em pouco tempo.



{ "[...] DADA de tudo duvida. Dada é tatu. Tudo é Dada. Cuidai-vos do Dada. O Anti dadaísmo é uma doença: a autocleptomania, o estado normal de um homem é DADA. Mas os verdadeiros dadas são contra o DADA." (TZARA, 1996, p. 227).⁸ }

⁸ Tradução minha.

Celebração da derrota
nada precisa estar fadado ao sucesso
carpindo a fogueira torpe
nada está afundando em chama
de nada queimado em dança
a carpir cada carbono
realizar pesadelos
eis uma fonte



de eterna
asfixia
fixação com o sucesso
sucessão de crucifixos
texto sepulto em palavras
palavras sepultas em tipos
ler é sentir o cheiro a queimado
o fartum das palavras mortas
mal cremadas ideias
ex-alando à mórbida lucidez
indefensável ao covarde
leitor de odores
desprendidos
descabidos
dança macabra

asfixia

Fotossíntese Dada

heliófilia
sincretismo

cretinismo

Ístmo

garRanchos de escRacho

DORmência, artrite reumatoide

Dor mente menti dorme basta

LESS, GUY!

bosta! bostinha. BOSTÃO e(r)go sum

LESS, GUY!

Refrão da vida

bosta

LESS, GUY!

miado trinado trem locomotiva venta chocalho choco latido

LESS, GUY!

menas

menarca aristocrática aristotélica ar ar ar ar ar ar ar ar ar ar ar ar

Apud que pariu

segundo Segundo "seguindo soube que saberia só sabe quem não sabe o que sabe nada"

conforme SEM FORME

Apud que pariu!

{ "[...] DADA; conhecimento de todos os meios rejeitados até o presente pelo sexo pudico do compromisso cômodo e da polidez:
DADA; abolição da lógica, dança dos incapazes da criação:
DADA; abolição de toda a hierarquia e equação social instalada pelos valores para nossos servos: DADA; cada objeto, todos objetos, os sentimentos e as obscuridades, as aparições e os choques precisos das linhas paralelas, são os meios para o combate:

DADA; abolição da memória:

DADA; abolição da arqueologia;

DADA; abolição dos profetas;

DADA; abolição dos futuros;

[...]

DADA; salto elegante e sem preconceito de uma harmonia à outra esfera. [...]

Liberdade: DADA DADA DADA

uivo das dores apertadas

entrelaçamento de contrários

e de todas as contradições,

da mais grotesca das inconsequências: A VIDA."⁹

"Desgosto dadaista" (TZARA, 1996, p. 212)}

⁹ Tradução minha

nadou nadou morreu na praia comido por caranguejos

Siga os cânones! LESS GUY besteira não possomerebelar É tese! NOTADEZ

É motim. Rebe Leão. sem leme sem remo sem eiranembeira sem mapa

sim sem mapa sem mapa sem mapa sem mapa sem mapa sem mapa sem mapa*

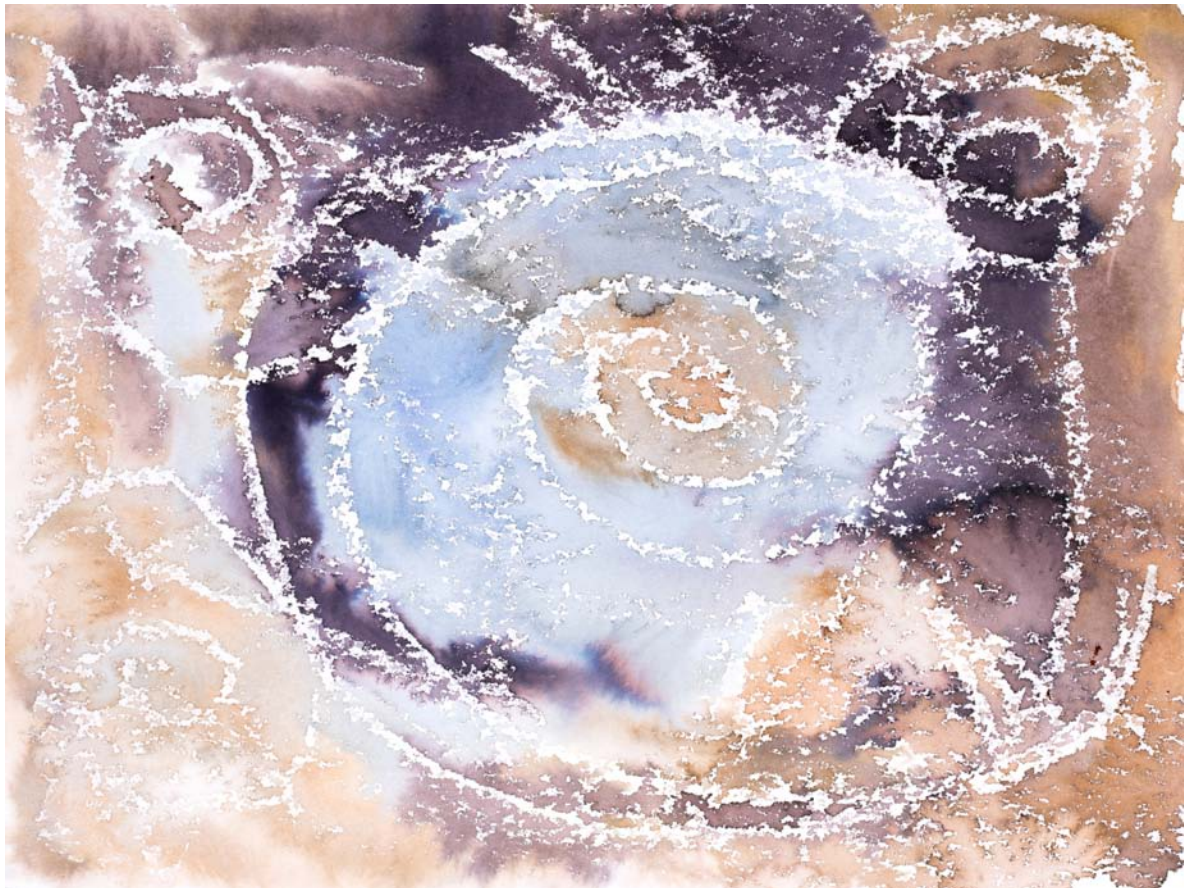
*(REPETIR MIL VEZES ou até ficar sem voz)

quero ser ator quero ser mágico quero ser o que quiser querer

LESS, GUY

tu serás diplomata

sim s-e(r)rei



menos é menos

oi vó judith serei diplomata *santinho bebe o chá jasmins*
boiando líquido âmbar cheiro de mofo na casa velha
mijo de gato sombras tecelãs ocultas ornam teto sofá
verde veludo desbotado *santinho sabes o que é ser diploma-*
ta? sei é alguém que representa *então poderias ser ator!*
não, serei diplomata porque é uma profissão na qual se
tem que falar vários idiomas *então podes ser um caixeiro via-*
jante o que é caixeiro viajante? *santinho, vou te contar a his-*
tória de meu pai, ele era caixeiro viajante, judith?

não, ele foi diplomata.

tratados, tratado da soja, tratado da carne de gado, falso gla-
mour, escritórios aborrecidos, papéis, carreira longa, embaixa-
dor velho, embotamento, falsos sorrisos, pessoas que nada signifi-
cam a ti, obediência

mas obedecer não é certo?

não,
obedecer jamais, santinho.

Jamais.

então não devo ser diplomata?

não, santinho. não deves obedecer.

teu chá vai esfriar. bebe-o. mas o caiapó bebeu dele. então pergunta-lhe se ele tem nojo de beber de novo no chá que vais tocar teus lábios. gatos são muito limpos... o que serei, então? santinho, só sabem o futuro as ciganas leitoras de mãos. conheces alguma? quero que leiam a minha. santinho, eu leio mãos. lê a minha. por favor lê agora. santinho, hoje não estou cigana. meu toreador não chegou. como assim? carmen, santinho. quem é carmen? é a cigana? não, santinho, a ópera. ópera?

caiapó bebeu mais do teu chá.

*sobraram as pétalas do jasmim. come-as. comer? sim. mas
não faz mal? não sei, come-as para saber. comi. santinho,
acho que serias um bom piloto de avião, mas eu tenho medo
de altura,
justamente por isso.*

li que os dinossauros foram extintos por um meteorito.

isso poderia acontecer de novo? *santinho, ninguém sabe*

exatamente o que aconteceu naquela época

a ideia dos meteoritos destruindo a vida na Terra justifica a fabri-

cação de armas nucleares, uma falácia, uma mentira.

a Terra é geóide, não é exatamente esférica.

talvez este achatamento ocorra devido à rotação

talvez esta rotação mude seu eixo

os dinossauros podem ter sido extintos devido a uma catástrofe

chamada pivontria

entendi isso quando vi, numa praia, uma pedra ser jogada pela

água

rodopiou

e virou.

está tudo em movimento, santinho

nada está parado.

as

pétalas

devem ter feito
 muito algum (e)feito
 coisa
que ainda não sei....

que(r) bagunça(?)

“Depois que cansei de procurar
Aprendi a encontrar.
Depois que um vento me opôs resistência
Velejo com todos os ventos.” ¹⁰

¹⁰ NIETZSCHE, 2012, p. 44.

e
n
r
P
o
i
a

entope atola ataca vala funga sua treme singra pinta atua corta

chafurda
uma anti-TESE sobre chafurdação

{ "SENHOR AA o ANTIFILÓSOFO

Cada confrade, sua piada e a totalidade de piadas: a Literatura. [...]

Um pensamento pode iluminar-se como a luz elétrica, se-
car como uma bandagem ou saltar como uma certa cor verde
que compus outra vez com o sangue de um colibri e a bor-
racha das bicicletas para pernaltas sobre um fio tele-
gráfico...

De onde podemos ouvir as marchas militares e descer fa-
tando o ar como um serafim num banho popular para mijar
e compreender que a parábola Dada não é loucura, nem sa-
bedoria, nem ironia, compreende-me, gentil burguês?
[...]

psicologia psicologia hihi
Ciência Ciência Ciência
Viva a França!
não somos ingênuos
nós somos sucessivos
nós somos exclusivos
não somos simples
e bem sabemos discutir a inteligência
Mas nós não somos de sua opinião, porque a Arte não é
séria.¹¹

"A primeira aventura celeste do Senhor Antipyrina"

(TZARA, 1996, pp. 34-35)}

pesquisa-chafurdação

{ "Um mundo sem tiranos seria tão enfadonho quanto um jardim zoológico sem hienas. O amo que aguardamos apavorados será justamente um amante da podridão, em presença do qual todos nós parecemos carcaças. Que venha nós farejar que chafurda em nossas exalações! Um novo odor já paira sobre o universo." (CIORAN, 2011, p. 59)

¹¹ Tradução minha

Re-fugo crepuscular de uma visita interativa ao Báratro
Fétida latrina de calantes arrotados
Sutil conversão do cáustico lodaçal em
adubo dublado em cores e carnaturas
Desfiguração de auroras encroadas nas ribaltas
cadernos ocos e livros mortos, inoxidáveis provas
paralelos intangíveis pela Casa Grande sem alas
manjar dos deuses negado aos famintos anjos e asnos
sarna
Comichão insuportável
A cada expressão, uma nova cor, nova intensidade
Idade de Trevas iluminada na descrença
dos apóstastas e heréticos
escalafobética imolação de Hidro Gênios
Astrônomos esfumados sem lentes
baças, catatônicas nebulosas
de monção árida nos telhados arruinados.

* * *

eu

l

io

ego

moi

minha lama

minha lâmina

minha lâ

mim

m

í

n

i

m

o

sífilis
alzheimer
caranguejo
terminaissologo

Fine al rito!

quem vai salvar san
pau lër li c(h)ora(n)do

ex-cu l'acho que isso não é uma tese

e o que é?

síntese

prótese

hipótese

HIPÉRTESE!

hipérbole parabólica complexode golgimitocôndriaretículo-
endoplasmáticomicrotúbuloanáfase telófase metáfase me-
tástase acabou tudode uma vez por todas não aguentomais!

lepra intelectual

Tens que seguir os cânones!

{“Em quatro míseros anos forçar a maiêutica. Correr, correr, correr e morrer in-defesa... Sinto asma, angina e úlcera... Já disse o prosador que ‘[...] as civilizações esbaforidas esgotam-se mais rapidamente do que as que se acomodam na eternidade’” (CIORAN, 2011a, p. 65).}

petardos de giz
a todo coroinha
que seguir cânones
ou seja quem for

petardos de giz
a todo infeliz
que não pode se rebelar
porque não quer

caranguejos famélicos
aos que não têm vontade

sictransitgloriamundi!

eeucomisso.

VONTADE

É disso que (estou fal)ando.

Chá-furdar na lama da minha vontade.

[Ubu Rei de minha província
Mato toda ideia súdita
que não se assujeite à minha potestade

Usurpo meu estoicismo
Epi-curo-me de in-vontades
Em cada oco de meus sistemas
Em cada toco flutuante
de meus mares e floemas]

à vontade

Laïsser faire!
quae sera tamen

Nado catadrômico
catastrófico
catabólico

{nada sabemos nós
nada sabemos do que é a dor
a estação amarga do frio
oco de longos traços em nossos músculos
ele amou mais a alegria da vitória
sábios das tristezas calmas engaioladas
nada se pode fazer
[...]
as aves estão entre nós para nos olhar
no lago sereno sobre nossas cabeças
 assim, nós poderemos compreender
a morte será uma bela e longa viagem
e as férias ilimitadas da carne e dos ossos¹²

"A morte de Guilherme Apollinaire"
(TZARA, 1996, p. 166)}

¹² Tradução minha



miserando sum

Argonauta de meus mares

Ares alcanço aos qu'inda respiram

recebem de quem não tem

todo Ouro do Reno

coroa de Nabucco

verbena de Norma

veneno de Lucrecia

urna de Alcina

trompa de Ernani

língua de Rigoletto

Embarcados em Navio Fantasma

Desobedecendo a partida partitura

Transfigura cantilena em ópera

per lui, la opera é la misura di tutti le cose!

chafurda
chamusca
chá de jasmim

estou em busca da suprema idiotia
do ensimesmamento total
(em-mimesmamento, no caso)
quero ser ostra tartaruga caracol
não tem pérola, não carrega o mundo, nem a casa, só sai baba
castrado de pérolas, até porque nem os porcos comeriam
sem mundo, imundo mendigo de mim mesmo afogado em baba
que bela babada
bab-ando sem eira nem beira nem queira saber o que babo de mim
um mundo mudo com pérolas saídas das cloacas de outros
filhote de anu adotado entre aspas com ânus e página recuo 4cm
recuo disso tudo 4 ânus luz
um mundo sem pérolas nem porcos nada é perfeito neste mundo
saint éxupery
opa é pra ser doutor não miss
pardon, mes amis, miss queci
força do hábito
hábito da força

hálito da força

hálito do vício em brincar com o que os outros não brincam
os outros são um inferno
nem dante conseguiria imaginar danação mais tantálica
mefisto atrasou-se, ficou ouvindo histórias de virgílio.
fausto na verdade morreu de velho
gretchen am spinnrade
tecelã do teto da parede da casa da judith
lady de shallot voyeuse bigbrother
sombras na caverna
sombras no crânio
sobra o mundo
mudo

c
h
a
f
u
n
d
a

chá de jasmim come as pétalas
aqui jaz mim lisérgico
chá de furda
furúnculos

ágora uma valsa

cenário
semente
pelanca
poço
canário
remissivo
camuflagem
espião
socorro
espião
stella
centauro
lambrusco
camurça
mercedes
campanha
cambota
mentira
mateira
ciborgue
galinha
mensagem
califa
zenóbia
palmyra
antena
formiga
cadela
ervilha
herança
família
fundo do poço

poça não tem fundo.

peça não tem furo.

peça o que quiser.



plesiosuro preciosouro pleonasma planador

LESS, GUY

fim do início

bólico
5 de fevereiro de 2016
sem anos do movimento Dadá
100 saber, fi-lo
justamente neste dia:

LES MA dada

Dr. Viktor Frankenstein de retalhos e rebotalhos
monstrou ao mundo que dos Outros faria um
monstro de citações apuds ibidens recuos et al
Deucalião com raios abriu olhos esbugalhos BASTA!

Eu não sou Dr. Frankenstein, eu sou Dr. Deus
Criou minha obra da lama taratá
Da lama esculpo o culpado escalpo
Cito a água e a areia e o feldspato

Eu sou Deus

Não existo

Eu sou Deus

Não creio ni mim

Eu sou Deus

Um nada

Eu sou Deus

Invenção

Eu sou Deus

Filho do homem

Eu não existo

Logo, não penso

Res piro maníaco

1% inspiração

99% piração

Ateu de mim mesmo

Pirose

azia da existência

refluxo oceânico

das fendas abissais

habitadas por lesmas

preenchidas de baba

Cirrose
Caranguejos famélicos
Camelos sedentos
Cachalote
Gangrena
Ervilha
no

C

li

M

a

n

u

r

Ee

N

Tt

Oo

A manteiga do Demiurgo.

Saltarello dos siris

Meu êx-tese é tecer com fios do desco-
nhecido,
Fiandeiro de minha patologia en-fio
teço ao inferno.
Tese tessitura no tear etéreo cadente
átimo(s) fera
Incandesce em cadeias de cadente lei-
to.
De(sen)canta em canto lírico sem lira
nem Eurídice
Eu lhe disse que desceria ao inferno
sem lenço nem documento.
Inferno é terra de apátridas dos ideais,
Ideias mefíticas ex-aladas.
Efeito estufa turfa pútrida caleja entor-
ta aquece a tese
Tecida em veludo antigo puído carco-
mido pelas traças
Em troços trôpego trino sem hino batu-
cando as bulhas
De um comboio de cordas em chama
Incinerado ainda pulsa Jesus Jesus Je-
sus!

Desta água que me inunda nunca bebi
senão sedento.

Dentes de sábio, língua de bufão, tufão
de ideias destelha a calva, rio de mim.

Cavo cá é tara e tem minhoca cá, vou lá
de samburá pescar ideias em cardu-
mes.

Escapam penas de morte das grades,
galinheiro fétido de aves chãs.

Nojo de quem não voa. Como eu.

Chá, teia de fios não meus sem cor nem
gosto da água do (a)mar não sai da lín-
gua.

Sa-liv(r)o traço reto má da para ser
ninguém sem dizer nada que alguém
(j)á-não disse.

Cá roço e encosto na ilha de pólvora
sempre ígnea, ig-nota que sou profes-
sor, porra.

Cri-o!

Caterva ladra balouça não sente o que
sinto o que sinto é meu. Afastem-se,
vermes!

Desta carne comerão meus próprios.
Já conhecem o gosto ergasto acídico.

Não oiço senão minha voz, ex-garça
empanturrada de cardume roubado.
Cá, dela não posso nada dizer. Cá veria
o que sem olhos nas órbitas gravito.
Gradiva grávida rasteja na lama de
ideias que nadam sem rumo, nem
prumo...

Nego!

Nego tudo que não me dê prazer!

Nego tudo que não me dê!

Nego todo não!

Nego!

Tudo sim.

Brincar Alexander Neill brincar ainda
sou criança?

Amotinado amor finado Amo-te nado
até...

Há fogo ar.

Brinco com as letras pois é com elas
que sei brincar,

Brinco de letras pois é com elas que sei
colar,

Colo as letras pois é com palavras que
me caso,

Anelo as palavras pois nelas que no
colo choro e brinco,

Brinco porque quero porque porco é o
que sinto.

Cheiro a peixe de casa de mar de barco
Aurora!

É hora de ar.

É ar de ora, são três horas.

A m'ora. A fl'ora e A ur'ora.

É hora de tecer do salto num mar de
ideias elasmobrânquio...

Dentuços famélicos que homem, nada.

Nada não existe só existe o que não é
nada.

Na danação deste Galileu Confiteor Ep-
pur si muove! Diz baixinho, olha a fo-
gueira.

De esgueira óleo quente crê pitar a ma-
deira de quem diz o que não deve.

Grito em torpe tom de amotinado
ca(n)sado com ideias sem pé nem ca-
beça.

Quero ideias acéfalas e ápodes - apodic-
ticas apenas na cabeça de quem tem.

C(r)á vejo em veja de que não calej-a
mão sem vento(sa) cola bora daqui já
fui.

Daqui nunca saí, nunca saio e nunca
fi(n)co pé neste lodo.

Catanhão pinça-me a memória cá du-
que sem corte nem sorte.

Ca veria o passado que só em mim há.
Habito meu eu sem em mim encontrar
o que há em mi, bê mol.

Bê, esteira de quem castra à caneta
vermelha. Eppur si muove (desta vez
gritar).

Chá com bolo inter-rompido para tor-
nar-me o que sempre fui.

Minha hora chegou na horda de casca-
ta parva a marchar nos jardins.

Nabucco pai sou Deus: desce, mostra-
lhes minha Babilônia! Diz, sobre ano.
Meus doces bárbaros dia bestial de
vida cá estou vosso. (Abrindo os bra-
ços)

Aula magna peripatética ágora pica-
deiro palco proscênio pódio (Três si-
nais de Molière)

Ação!

Nasce um professor.

Caronte tó teu patacão, nesta barca em
barco um

Nesta barca desço mil

Estige estuário estatuto deste mestre
sem toga

Marisma mareia olhos arfantes sem
saber que é reforma

Marcham bárbaros fazendo um Gêngis
Khan sem Estepe nem

Macaco, sem espada e se quer giz

Voz motor enfuna vê-la sebo escorrido
rio atravessado

Macega enxerga o que em mim não vi
vi o que nunca pensara

Sara a chaga do chá interrompido sen-
tido sentido tarde e não demais

Teu nome

É Guy

Só Guy

Gê, U, ípsilon.

Queria o que não quero mais, ainda
quero o que sempre quis.

De querer se move à vontade sem po-
lenta

Ao relento parido de um ovo chocado
no ninho de bruxa maga cortesã

Saporuja desova eclode num chão de
pólvora
De voraz inspira a pena de biguá negra
e misteriosa
Sempre esteve aqui o que chegou na
hora certa
Não pode haver nada disso de certo é
errado.
Errado é deserto. Deserto deste eu que
se reforma e fica a mesma
Coisa torta torpe perto de um chão pi-
sado por Cortesão

Pegadas numa praia de lava anda uma
velha
Coma desgrenhada olhar fundo doce
denso incenso de jasmim
Jaz em mim o que nunca enterrei neste
mausoléu de palha
Palha, aço e cuspe - é disso que se faz
um professor.
Umecta a prega, martela a ideia, mace-
ra a Paideia
desta desvairada diferença igual mente
alada derrete
Despenca num abismo e cai no lodo
inexorável
de Patos Lógicos na lagoa furada cheia
de mar

Levem tudo, e levem também a ideia.
Só não lavem.
Levado, que sou. Levaram-me o som.

Areia caída na cabeça de quem não es-
pera não pesa.

Vem. Roubamo-te, lembrás? Vem que
és nosso. Assim não o disseste?

Sextante instado de cala a minha idade

ladrido

coacho

arrulho

pipilo

grasnido

velho furibundo

vagido

* * *

{“Todas as escolas [...] são perfeitos matadouros onde fornadas de garotos vão, cotidianamente, se fazer socializar, enquadrar, arregimentar, em uma palavra: “educar”. Esses lugares lúgubres, esses templos de docilidade, de abdicação e de escravização enganam ainda uma multidão inumerável de pessoas, de educadores, de pais.” (CELMA, 1979, p. 14)}

Réquiem aos que não (mor)riram

Vivem os mortos pela existência
Mortos sempre estiveram os tiranos
Vivos ascenderam a chama de permanência
E num Requiem universal nos irmanamos
Cadência polifônica de urros de dor
Converte-se em eco dos brados mundanos
Vida nova estruge, troveja, desfralda
Dulcíssima lágrima que não escalda

Nos dias vívidos da memória oblíqua
Vívidos instantes em efêmera eternidade
Esgrima de maestros sem missão precípua
Rastejam voos em vulturina obviedade
Cansa de não lutar e liberta para a prisão
Engolfa as vespas de um enxame de razão

Caterva imunda sinfonia transfigurada
Assomo não pensado evapora e esborracha
Relógios derretidos marcam hora deformada
Na forma in forma andar trôpego esculacha
Num luar leitoso homens de verve assanhada
Sob a desluz da madrugada que jamais se agacha
Encontram o jamais procurado no fazer desfeito
Os cantos das entrelinhas tortas sem voz sem leito

* * *

Ca-libando

Ó, Próspero! Conjura tempestade
Cavalga neste vento com teu cetro
Emenda inteiro que jamais quebrou

trovoadas bravatas zurros esmurros
vidros quebrados

Sopra fúria, sucumbe o abade
Entorna no cálice vinho tetro
Arrebatam-me trovões de ond'estou

trovoadas bravatas zurros esmurros
gritos de horror

Subi ébrio no nembo furibundo
Fugi em meio à tinta nesta fenda
Caí do pódio sem pedr'alva louco

trovoadas bravatas zurros
esmurros
gemidos, grasnidos e coachos

E neste turbilhão em templo imundo
Imolaram horas, polvo é lenda
Próspero, Aguilucho, Fígaro, Galileu...

* * *

Um Próspero Apocalipse!

Salvem Orfeu!

Silvem as trombetas
da Saturnália!

Genitália intelectual

Turg-essência atômica!



Pensa(li)mento a tempestade.

Inferno



"Onde tu estiveres, cava bem fundo!
Lá embaixo está a fonte!
Deixe que gritem os homens escuros:
"Lá embaixo é sempre - inferno!"¹³

¹³ NIETZSCHE, 2012, p. 127.

{“Caminhamos para inferno na medida em que nós afastamos da vida vegetativa, cuja passividade deveria constituir a chave de tudo, a resposta suprema a todas as nossas interrogações; mas o horror que ela nos inspira fez e nós essa horda de civilizados, de monstros oniscientes que ignoram o essencial. Consumir-se em câmara lenta, respirar apenas sofrer dignamente a injustiça de ser, fugir da espera, da opressão d esperança, buscar um meio termo entre o cadáver e o alento: estamos corrompidos demais para conseguir isso. Decididamente, nada nós conciliará com o tédio.” (CIORAN, 2011c, p. 118).}

Aqueronte

No meio do caminho de nossa vida,
sobrevive-se neste andante.
Querendo caminhada desvalida,
afundo de borco sobre um instante.
Na floresta sem folhas, aterrisso
desesperado, polvo ululante.
Não pensava ser eu tão quebradiço,
assim, destemido adentrei feroz.
Neste andar, vi fogo movediço!

Flegetonte

Mal caleijado, cheirei fumaç'atroz.
Detrás da pedra, pulou besta fera!
Rosnando, a Fúria, mostrou portar voz.
Até sentar-me ao banco, Kalimera!
Aqui não há sonhos, nunc'amanhece.
D'existir, resisto, tenho quimera.
Então parte, ó polvo, não t'engrandece.
Nasci de parto, re-parto, penitente.
Fico! Finca, hordas vão bradar "desce!"

Erídano

Mole, sou molusco, falso demente,
aqui fico, neste solo conspurcado.
Sou tenaz, do rei contra-parente,
neste báratro, nu, abençoado.
Hei de andar descalço e flutuando
e, sem o barqueiro, cruzo à nado
corredeira forte, assim, boiando.
Vencerei, fracassado, sem a morte
por mais que neguem, renasço matando.

Cócito

Mato em mim, rio de algas, corte
de bobos tristes, corcunda vingado,
sem filha, sem língua, fugi do norte.
Que queres aqui, afinal, coitado?
Quero ecclise, dor transfigurada.
Queres o que aqui não tem brotado.
Brotará em solo árido, cada
semente dita seca inviável
germinar sem gemer, em estocada.

Letes

Sou Salamandra inquebrantável.
Eu, polvo-louco, ego indizível.
Nada sabes, cândido incurável,
darás c'os burros n'água, é risível.
São burros aquáticos, branqueados.
Que bem nadem, ó molusco amável.
Quem és tu, então, c'os dedos queimados?
Saberás ao andares nestas pagas,
sou mais qu'esta caveira calcinada.

Estige

BALADA *da*verno

há-lago-me de
ilhas expurga-
das de Sol e
dão cancelas de
um cálcio inato
nas vértebras
de um dragão
a toleimado
alargo horizon-
te enevoado rio
numa noite es-
clarecida no
escarnecimento
de um quebrado
atabalhado
mestre sem fim
nem início caio
num profundo
céu que não
ilumina a anda-
dura que me faz
tropeçar nesta-
peçaria de alí-
geras fibras
rasgadas fím-
brias rastro de

um caminho
de(s)feito por
rastejantes
eguns irmano-me
em lucífaga
jornada cefaló-
pode errante
explico-me em
dobras aderidas
às dores não
sentidas e ca-
lores de face
de forma da pe-
dra sem lábios
sem olhos sem
orelhas sem

assim NÃO me
calo nem me
velo nem me
parto nem me
formo nem me
mato nem me ato
nem me narro
nem escarro nem
café nem deus
nem lei nem re-
gra nem nada
sou polvo que
acolhe em seu
manto alvo de
todas as mixór-
dias de todas

os calhordas de
todas cáfilas
sedentas que
marcham nas
ruínas de uma
ex cola que não
adere ao mais
belo dos olha-
res ao mais
puro dos sabo-
res ao mais ás-
pero horror de
uma mente en-
tronizada em
páginas amare-
ladas em casas
de papel em
carros de vapor
que puxam as
hordas faméli-
cas acabrunha-
das analfabetas
de letras sem
sabor sem sapi-
dez do solo de-
sesperado digo
NÃO

caminhei por
vales de vida
de bitolada ar-
mada pré parada
em rápida nave-
gação em tri-

lhos levam ao
mais triste fim
da casa grande
que alberga
des-há-brigados
com a mais hor-
renda ex-face-
lado de fora da
ex insistência
debla-terra às
hostes e hósti-
as anticristo
antigripal an-
tibiótico boca-
braba com dor
assor descendo
ao inferno sem
saber que via-
gem assim não
tem ré, volta à
pé marchando em
terra cá de ve-
res um monstro
guarda ando até
porta Dite tudo
o que queres
escreverei nes-
te papel proto
agonista de
tragédia anun-
ciada e reite-
rada nas telas
de lumière as-

sombrado por
luzes trêmulas
bruxo leio

Li li li li li
li li li li li
li li li poli-
nizei flores
secas de plás-
tico murchado
em verão que
sou leitor hei-
tor ex-folheado
por há aqueles
que não (em)
tendem que não
posso nem passo
de tintureiro
de mim mesmo 8
braços mil ven-
tosas de vento
à quem quiser
sem moeda nem
pai rei que
busca(rne) dadá
aos ver me sin-
to morto e bus-
cado nesta
guerra sem he-
lena sem apolo
derrubado der-
ramado em lá
esgrimas e jus-
tas priamita

condenado hécu-
ba furadora de
oléos in solú-
vel soluço pela
morte ardida e
desta era na
qual ira não
cai bem nem há
parente que a
firme neste
solo-doso anó-
xico converto
subverto adver-
to inverto tudo
lou crua loas a
mares que já
amais fizeram
diferença na
mesmice atroz
deste mundo
visto revisto
malvisto andrá-
gios que permi-
tem entrar 8
braços não me
servem trajés
usados surrados
valha-me deus
vala comum
transfigurado
figurante filma
do(u)ra pílula
vermelha, azul

seja lá qual
for a cor par-
tido por uma
intelligentsia
castra do(u)ra
o que não bri-
lhar por não
ser envernizado
e sim inferni-
zado para ser
sempre a mesma
coisa e loisa
atrasada para
tudo para o
mundo que vou
descer até a
porta do bach
de caronte ca-
rente de sons
saudoso de or-
feu ex-traça
lado de fora
para o qual ja-
mais irei e
onde sempre es-
tive estige no
qual me afogo
há fogo na chu-
va areia queima
os pés do mes-
tre do lácio da
flor esmaecida
neste inverno

rigoroso sob
jerusalém re-
construída nas
ruínas de huma-
nidade unida na
busca por metal
que não solva
mas diz solve a
vacuidade de
existência es-
vaziada aziaga
senza ação sen-
za nube num céu
lido, treslido
lindo aos olhos
de quem tem
treme palidez à
vida fora de
gaia ciência
com sumida ra-
zão raza ante
ao que mais me
cabe ser aqui é
poeta desespe-
rado pela an-
gostura deste
branco latrinó-
rio no qual
trino e
desafi(n)o a
quem quer que
seja a não em
tender a nada

ser quem tenta
ser compreendi-
do porque pensa
ser possível o
que jamais foi
pó

silvo de réptil
peçonhento fór-
mula para curar
este mal chama-
do vida doença
maldita que faz
sentir vontade
de jamais cu-
rar-se curan-
deiro homicida
de ideias peri-
clitantes empé-
docles desvai-
rado professor
profecia de um
vulcão iracundo
ateu incrédulo
de lava cuspida
escarrada na
desgarrada face
adunca de quem
pensa ter empé-
docles virado
pó transfigura-
do in alado al-
çou ao paraíso
d.a. pra lá te-

inho certeza que
polvo algum
chegar
há com 8 braços
boca grande nas
vagas nuvens
velando beati-
tude antípoda
deste bestial
invertebrado
que sem pés nem
mãos enfia os
braços pela ca-
beça oca na
qual se esconde
indigentes e
sótão macacos
que não erguem
o peso da cons-
ciência empapa-
da por lama la-
minada rocha
fossilizada
sensação de que
nunca mais sen-
tirei outra vez
a magia do in-
ferno visitado
por este bardo
glabro longo
somente na pre-
sunção vã de
que sempre será

um pobre diabo
amarfanhado em
tentativas in-
consequentes
por saber que
não se vence a
perpétua nem
que se tente
tente tente
tente tente
tente tente
tente tente
tente tente
tente dente
tente dente
sente só sente
as ventosas que
esteve na pla-
teia do circo
infernai do
po(l)vo

lisérgico polvo
pelado no pica-
deiro picado em
vinagrete do
senso comum do
purgatório uni-
versal do riso
grade do sal -
in girum imus
nocte et consu-
mimur igni não
é nada perto de
quatro ânus sob

pressurosa sul-
furosa pena
esfregada em
furúnculo flo-
rido e fechado
pelas lágrimas
dulcíssimas lá-
grimas que ver-
ti nas valas
comuns de um
mundo avesso a
lágrimas em pa-
pado de suor e
sangue em ver-
tido de lágri-
mas insolúveis
na oleosa solu-
ção bifásica e
bífida língua
bradada dada
nos dentes afi-
ados dos cães
desta província
provada mente
povoada de pen-
samentos excre-
mentos alimen-
tos mentes sãs
sonham sem sa-
ber que o fazem
na vigília vir-
gílio protege
com seu manto

projetado na
caverna revisi-
tada de solo
recoberto por
fezes de morce-
gos sem fé na
faina polinizam
a polêmica ata-
petam o chão
fétido fermento
do marginal vi-
olento violen-
tado amarrado
no destino in-
testino já tra-
çado já pré pa-
rado de horror
frente ao abis-
mo guano exa-
lando alando
quirópteros na
escuridão de um
dia sem fim
firmamento des-
truído destro-
nado falimento
filamento de
percursos de
vozerios no si-
lêncio desta
casa de loucos
de vivos de jo-
vens de marés

de calor e vi
darem nas mar-
gens do degredo
ré vi darem
sentença ao réu
acu(s)ado por
ofensas não co-
metidas cometas
não vistos can-
celas não aber-
tas portas sol-
dadas sem fe-
chadura(m) para
sempre as por-
tas que não
abrem sem por-
teiros nem bar-
queiros calam
fingindo não
ver que no rio
boiam fés de
incréus afoga-
dos no funda-
mento dado por
carcereiros
carrancas ar-
rancam tudo de
quem nada tem a
perder toda a
forma de formar
quem não fora
dalí não tem
como ficar e

fica e tenta e
tenta e tenta e
tenta e senta e
cala

obedece

copia

desce

escada

fumaça

cheguei só na
mais profunda
grota rolando
furioso nel
profundo em
busca de algo
que não existe
não resiste
querendo salvar
a quem? salva-
se alguém de
alguma coisa só
quem pode não
compreende que
salvar-se nem
mesmo das marés
de si vagalhões
vagos, vazios
de mim de tudo
que há em mim e
no nada que

fora há - não -
nada pode exis-
tir fora do que
chamo de mim -
ipseísmo incon-
tornável - von-
tade inquebran-
tável é de von-
tade que gira a
terra é de von-
tade que nasce
e morre o fae-
tonte carregado
de hidrogênio
em fogueira
inexorável gi-
ordano bruno
galileo joana
d'arc bruxa
leia o que pode
antes que te
façam analfabe-
ta batida do
azorrague em
três mestres
implacáveis vi
arderem neste
báratro desba-
ratar bravatas
bromas brumas
densas que
obliteram o
jardim de líri-

os de flagram
flâmulas mulas
que amam que
vivem que andam
e pensam e que
querem este
querer que nin-
guém quer que
ninguém vê que
ninguém viu que
nunca nunca
nunca nunca
nunca nunca
pode ser dito a
quem quer que
seja sarjeta
suja de nões
que são sins a
quem manda quem
deseja que nada
desejam aqueles
que não podem
nem devem nem
sabem mais que
desejar porque
nada tem a ler
dizer fazer se-
não obedecendo
que vivo a des-
fazer nó górdio
dado por que
nada desata por
quem desacata o

que não quer
porque sabe que
basta aqui che-
guei, aqui fico
aqui morro aqui
mato denso opa-
co verdejante
viceja no se-
greto jardim de
farfalhares fi-
garo lalalala-
lalalalala fii-
iiiiiiigaro
sono qua
e, figaro
sono il facto-
tum de questo
inferno quei-
mando os pés em
areia férvida
sob chuva ígnea
contra quem é
contra deixar
ignaros quem
ousa quem quer
quem tem vontade
de ter vontade
de ter
vontade de ter
vontade de ser
dono de ser dom
de abandonar
quem se adona

de quem só quer
adornar com dor
alheia os domos
desta igreja
maldita seja
quem nela for
capaz de ajoe-
lhar meus joe-
lhos doem só de
cogitar genu-
flexo amplexo
traidor meus 8
braços não se
embaçam quando
a bala atraves-
sa a rua e en-
tra na minha
sala sai da ma-
leta e desalen-
ta o mistério o
que há de fúne-
bre é sempre
algo que vive
em quem ainda
vive para ver e
crer na lâmpada
acesa sobre o
disco em que
rastejam pobres
almas nas celas
a olhar negror
pétreo do palor
riscado arris-

cam mentes que
se com vencem
vazias e copiam
até leprosos
perderem dedos
balduínos fujam
desta guerra já
perdida sem
perdão sem ver
que nada mais
brota neste
chão deus do
céu o que quero
aqui nesta es-
curidão com
lâmparina mar-
garida pálida a
murchar na
frente de pla-
teia abúlica
bólide em meu
peito diz-me
fica finca aqui
é teu lugar, no
inferno? por
deus. não aqui
chegaste agora
mostra ao here-
siarca que não
fizeste por
perder a razão
que alguém dis-
se que se tem

vez que outra
quando se faz o
que dizem ser o
que faz alguém
ter esta coisa
que afinal de
contas ninguém
até porque nada
disso não passa
de ilusão luz
de pesadelo
barômetro que-
brado que mede
o desespero meu
deus o que fa-
rei meu deus
que barca de-
sembarco na
charneca no
pântano no lodo
atolo meu navio
sem vela sem
leme o querer
da fortuna sou
contrito a
aceitar que
seja que venha
que se faça um
caminho mar-
chons marchemos
antes que mur-
chem as marga-
ridas das lam-

parinas que
iluminam meio
palmo à frente
do nariz que-
brado pelo des-
botamento ama-
relado de um
livro carcomido
pelas traças
invejosas que
não leem porque
não querem por-
que negam-se à
tortura que se
impõe neste
presídio ardido
pelo ínfimo
graveto em bra-
sa da fogueira
com as cinzas
de galileo imo-
lado a cada dia
que alguém en-
fia na cabeça
de criança que
ciência é papel
caneta e cala
senta e obedece
e fica logo
cega surda muda
e sem vontade
alguma de ser
qualquer coisa

que não seja
aquilo que eu
disser que pode
que deve porque
sempre foi as-
sim porque to-
dos são assim
porque não pode
ser mais, nem
menos, porque
foi o combinado
porque sim e
cala calou fun-
do em mim ver
que a semente
em bolso levar-
me-ia ao par-
nasso pasárgada
revisitada de
um mundo no
qual eu, de-
miurgo, posso
moldar do barro
o jarro que
quiser e dele
verter a água
de minhas lá-
grimas meu suor
meu sangue mi-
nha fumaça mi-
nha traça que
não come que
vomita as le-

tras que comeu
a cada instante
que não come
papel que quer
ser comida tra-
ça servida pelo
polvo no ban-
quete antropo-
fágico de ba-
bette delícias
acepipes pimpa-
rotes risadas
no regime de
silêncio assom-
bro no desas-
sombro assusta-
diço deixa dis-
so ó polvo que
estranho é ser
falo pode pode
tudo pode sem-
pre sempre pode
o que quiser
quem vir quem
vier que tiver
vontade

escolher

nada mais pode
quem não quer
que queiram os
que tem vontade

quando a vontade vier a quem desconhecia a possibilidade de

escolher

ter a vontade que quiser que vier que conhece o mestre

escolher

validado pelo simples fato de poder ser o que dizem não poder seja lá o que for

colher

colherada de vontade colheita bendita vindita a galope de quem não tem vontade e tem vontade de que não crie o que não têm aqueles

que lhes dão
para darem jus-
tamente o que
não querem dar
porque não cre-
em ser possível
ser capaz de
ser capaz de
ter vontade de

escolher

colher

colheita

cola

zero

cada

número

é

assa

sino de um amor
de quem quer
que seja p-uni-
do por ser ami-
go por ser li-
vre por saber
que livro só

livra a traça
da fome se ti-
ver letras de L
e ver idade
ida desta terra
sem lei que não
precisa saber
que nesta terra
não tem rei não
tem
entre sem bater
saia sem ser
batido
bata sem entrar
bate
pulsa

bulha
neste monstruo-
so não que di-
rei sempre sem-
pre que der
vontade de ne-
gar o negativo
desta foto pá-
lida das som-
bras da paisa-
gem da caverna
enternecida de
caveiras monta-
das esperando
as outras ocas
a chegarem des-

ta morte que
não incinera
quem não dobra
os sinos para
as sinas já es-
critas por tra-
gedo chamado
escola
tirem todos da-
qui
enxugo as cau-
dalosas gotas
bureta dosimé-
trica dose doce
de cacto de es-
pinho duro clo-
rofila filha da
fonte da fronde
do plátano ado-
rável pranteado
por xerxes que
sem sombra só
sobrou a fazer
o que fizeram
por si e por si
farão muitos
que ainda não
sabem que só se
faz isto porque
é o que resta

cores

tremebunda

sensação

azia

ânsia

enorme vontade

de faz

de conta

minar campos

de menos dor-
mindo

domínios

ENJAULADO

enojado

nada mais pode-
rá ser o que
não fui nunca
coisa nenhuma

soter

zarathustra

acrobata

bata forte

mas não mate o
que há neste
mato sem cacho
rosnado de um
lobo esquálido
fumando uma
criança kinder-
toten canções
sem mel o dia
anoitece a cada
instante que
neste campo se-
cam centro de
tensão um anã
que não d exis-
te em cada men-
te uma verdade
escondida de
mentes levógira
manopla deste
gigante vesgo e
corcunda a car-
regar na bunda
a concha de re-
talhos rebota-
lhos de um ser
descarnado da
ternura de sa-

ber que só sabe
quem vive a
querer tendo a
vez de ser por
sorte por norte
por não saber
que não pode
que pinta cada
instante com as
cores
preto e branco

sépia

polvo

ca(l)ma

leão-da-monta-
nha

ria

deitado nos
braços oito ve-
zes fugiu do
regaço da teia
que não quer
mais saber ser
velha a noviça
que nunca soube
ser da casta a
qual pertence -
é meu

lab

aderna

genoa exagerada
ao zéfiro er-

rante que re-
benta a retran-
ca caída na es-
puma que não
para de escor-
rer desta voz
desesperada hi-
drofóbica as-
susta dá engu-
lho o cheiro a
mi jogo de vida
ou morte anun-
ciada queda li-
vre

o

p

a

r

a

í

s

o

já era?

sim

conto do papão

balela

papo furado

casco perfurado

teredo

água invasora

sem aviso vai a

pique sem bote

salva-vidas da

serpente engo-
lida nave vá
e eu aqui can-
tando
figaro lá
ficarei louco
desta paz
pasárgada lar-
gada a largada
de um vento
in vento de
muda
dança o tintu-
reiro polvo

acrobata

necromante

pirôma-
no

acromegálico

mergulha dor-
mente
ira de nanquim
dedilhado maes-
tro camuflado
inflado de ego
lastro de auto-
fagia de braço

vento sabe
inerte negado

acrobata

tronco

oco

orco

troco

troco de pele
de reles ser
vilipêndio todo
senso comun

ista do de caos

gradiva

grávida

gravita

tardígrado água

errada

cala engessado

e habita

na coleta des-

garrada

ré belo dia sem

nome malsã

na

gota

sem

arte

e

anã

cadência de

cada

me ir

rita

li na tela que

nada tem a per-

der

oxitocina es-

cambo li

ter

ária de loucura

no primeiro ato

fado

fato

concepção gozo-

sa

gasosa

entupimento de

utopias

afasia de fala

prolixa lixa-se

para o lixo

produzido no

liceu nada mais

pode de(rre)ter

o que se lique-

fez sublime ga-
soso é feito de
mim o que nada
mais pode ser
errorosa razão
raspada da pré
tensão superfi-
cial de quem me
ensinou que au-
tores não fa-
lam, dizem
é quem mais fa-
lou
e menos disse
que ia dar mer-
da
profilaxia des-
terro desenter-
ra ossos de re-
sina de quem
resiste da sina
de ser átropos
mergulho
nado em apneia
no flegetonte
teseu quasímodo
ricardo iii
quem quer sal-
var alguém quer
salvar a si
sim

salvei 1

salvei a mim
de coisa nenhu-
ma
entrei ofere-
cendo
saí endividado

É difícil ser
fácil de ofício
retrátil vacúo-
lo pulsátil de-
sadaptado do
CRA vós sois um
bando de imbe-
cis

eu sou divino
de licencioso
li
durante a via-
gem cega
chega quem pu-
der
nesta muralha a
biga não trans-
passa
escolhe a batu-
ta
ou o cacetete
falar dos ou-
tros, por deus
coitado
de
quem

pensa
ser
do
outro
falar
possível
mente

saliv(r)o de
pensar que tra-
ço o que passar
em celulose
ululante oblí-
vio lívido la-
vado sem alma
sem arma sem
lama sem calma
sem nota sem
chama sem merda
nenhuma só sa-
bendo que se
chega a lugar
algum nesta
mentira
a existência
não passa de um
não desistir de
pensar que tudo
não não passa
de coisa alguma
vestida de sen-
tido tecida por

quem já veste o
seu
manto
do
cefa-
lópode
não faz concha
porque quer
sentir na pele
a dor da luz da
super
fiz ser minha a
escola de esco-
lher
a escolha e es-
colar
a rolha que
tapa o furo
húnico
invasor de es-
vazio
não é pra en-
tender porque
não se entende
nem aquilo que
fizeram para
ser entendido e
eneias passeia
pelo inferno
condenados à
eterna danação
parcas no con-
selho aluno

disfarçado de
professor pro-
xeneta impostor
fraudo
lento lendo es-
crevo o ines-
crevível incrí-
vel em prova a
veludo o áspero
assalto aos
sentidos de
quem quer per-
fume conhecido
e não a feden-
tina das estra-
nhas entranhas
de nós mesmos
rádula adula as
algas que come
rei de pedras
de mares nunca
dante(s) nave-
gava com mestre
virgílio numa
fonte de café
enfileirado na
caverna sem
morcego com a
mor cega das
visões que ja-
mais brotou se-
não no profundo
fundo do mundo

ledo e contente
refocilei-me no
antro pó famí-
lia de gradea-
dos degradados
náufrago
afogados no
fogo não domado
na letra des-
feita pela hor-
renda greta ra-
vina escura
desta profunda
imunda da
caverna bíblia
sem letras sem
crimes sem cra-
vos
marcho para meu
gólgota
ecce homo sapi-
ens
demente na cruz
e fincado no
cepo
carregado
tragado
alcatrão
fogueira
crepita
cripta
cri
que poderia

s

a

l

v

a

r



Varei noites
re-virei li-
xeiras, em-
boscada de
cachalotes
querendo de-
vorar cada
braço de um
polvo
capenga,
gesticulador
de absurdos
a todos os
sons audí-
veis ao olho
humano es-
tro-piado
de
um
cálido
abraço
esquecido
aquecido
perecido
no oblívio
daquele tiro
que tirou-me
a

Fim da balada.

este deus insatisfeito



com seu aquário
papel pardo e folha officio
parir a espada sinistra
verme que penetra na carne
triunfo das moneras
fuga vertical
vertigo

Lampejo!

[Tu eras o homem bomba do conselho de classe? Sim.
Professor terrorista, me explodia no conselho de classe.
A educação é terrorismo, educar é aterrorizar.
Contudo, se pode educar aterrorizados ou terroristas.
Prefiro o segundo...
-gente pensante é Terror.]

rex-
sistência

in-
sistência

in
existência

não entendi

nem quero



suicídio pedagógico
sub-versão



contra-conduta
salvo-conduto
caminhada por 10 caminhos
marcha ré
do crime descaminho
tudo isso é trauma
inesgotável disrupção
incontrolável erupção

o objeto é o caminho
a ciranda de pedra
o desgosto do que me atravessa e assujeita
a nazista empedernida
o religioso obstinado
nero advogado
as margens repletas de lágrimas
as aleias do bátraco em festim
de alados daimons
to telos eudaimonia

Observações da viagem ao Báratro.

barcellaboratório rio de mim mas choro.

de cantar em dó de mim
de encontrar em ré mim
de esloque an em fá mim
de encontrar em mársolm
de latar em ié rugirím

Vencer impõe negar o outro que sou que sou porque o outro é
o que é por que sou que sou.

faço o que sou e nem sempre sou o que faço
nem sempre faço o que faço

nem sempre sou o que fui, aliás nunca

fui o que fiz, mas o que disse de mim para mim de mim

nada do que sou mergulhon no que não poderei ser
não poderei morrer porque sempre fui o que fui
efiquei o que sou

sou nado e mergulhoa dor de ser que não fiz de mim e de mim nunca fiz

fiz de mim o que queria e de mim fizem o que nunca pude ser
ninguém escapa o bardo, é verdade

mas todos escapam o barco
moratandade

briga biga in trigal eu sepa rei
reinei no reino dos cegos ciclo piando

piano forte a lesa majestade

a lesa majestade alteza real irreal SURREAL

canal ~~teste~~ tratado tartaro no báratro profundo

da gengiva adormecida pelo sorriso que roubei

roubei o que não precisavam

por isso navego

NAVEGO

nego que sou e nado no mergulho

Data: 16/12/2016

Observações da viagem

Ninguém viu que somos todos uns de outros que ninguém vê
Nada é mais louco do que pensar ser lúcido no manicômio chamado
Terra

Acho que vi uma gárgula fumando. Cada baforada é
um suspiro por uma vida que demora
adoura antes de esvair-se em átomos

Atômicos tônicos e torpes

rastejanna rarefação de bom (im)senso

Vii o calado baixar e calado passei no estreito jeito de ser
no rejeito peito do ver
nojento vem todo no (a)mar
Ek Envelheço pelo tempo que não passou
Envileço a roubar sorrisos germinados no chão
de cada mágoa água fada aba fada aguada

sardinha

atum que argenteou

quero vencer entreo mayor dos fracassados
quero o rotundo
retumbante

~~%%%%ba%%ba%%ba%%~~

Ba((ba)ndo ando nado mudo

pa larvas

fi9sCr99sCr opa

pescam

fi(s)go(s)

de torto e torta meu pâncreas pessoas

Data: / / Em

Observações da viagem

Quero perdero que maoteve i

quero derrotar/me
rotoderrotado derrocado
desbotado e
triturado

cicatrizado errrrrrro

calado encaicho escárnio

cada uum

di(z)ferente gente

da

má

água

desmascano

despida despida

visto a nudez

vi que alguém não vi o já visto e

na vim cu lá água

aque relacionadas

sequelas ops sequelas

ARCO m sequencias

ANARCO

fracassa no desarco

ser sarcar com o trunfo

não aguentar mais

cortesaovoltapeloamordedus

cer tesso

de que ten ha

SAGAZ DUVIDA duvido

pa zada zaratustra

poesia par ti si pá ativa

Data: v / y /

PO DE TUDO

tudo faz pó

tudo o que faz pó é torpe suficiente para ser a (r)mado

DOMAR em II anos

amar em NENHUM

ai de mim

amar faz pessoas fortes

queremos invadir

e fortalezas não são fáceis

até porque o SISTEMA não tem ULISSES

nao sabe fazer cavalo

demorariam mais de 10 anos

assim, em II ou I2 ... a gente mata

mata a vontade de potencia

não sobRA nem pó

nem brasa

sosobra o DEVIR

só sobre o DEVER

O be de ser

não o A de na(o)ser

vago meditabundo des(esperado) pe rto de

uma fogueira que aquece CHAUVET

que risca

ARRISCA a chispa do SI de riço diabólico

LARVO redo

alava quem fizesse como EMPEDOCLES

derrota MONUMENTAL idade de se querer vencer
vencer o Q? a final quem vence é ela

impecável

MORTE

infalível

só uma outra forma de vida

quebracabeça

refazer o que já

fizeram

sempre ODIEI

não por isso, mas por ser difícil

só ~~gostei~~

só gosto do que (me) é fácil

só gosto do que é gozo

a

só demorei a entender que nada h'

há de virtuoso enfaz er o que não dá prazer

por exemplo, máquina de escrever me agrada

por poder bater com força, pelo som

pela a or

pelo erro

INAPAGAVELL

pelo clac ~~ccq~~ CLAC PLAC

como é bom

DEUS há de ter ejaculado o mundo

e parido a puta humidade

N

NÔ GORDIO

NO made

transumância

fujo desta sala

cela

de aula

sem ulular

doce

ulu

lar

ALUMBRADO

in cendeio com as mesmas tochas que acenderam
a fogueira de GB

alumbro no escuro com minhas trevas

tredas e tropegas

I MASNADIERI

Ruggiero vive

melodia di paradiso

~~\$\$\$~~ OPERA que se preze termina mal

Bandoleiro leio necrológio atrasado

atras de um luto para des crer que

a cord ei

assim, em luto até cair~~s~~ porque lá grimas não m

cairam riram de quem já não ve des graça

no inferno

em vez de inquietude endêmica

queriam obediência e
epidêmica

PANDEMIA de castrados

de embotados

enlatados

ENLATADOS puta

tal

em cka la crados

com MEDO

o tremse move tão rápido que desfoco

dançando tarrantella

nao vejo as cores

vou a p'e

sem cadáveres

só meus fantasmas

asmatico arfo

mas não arco com ~~sequência~~
sequência

nem s'feie, dig o, SERIE

imPOSITIVO neutronnolugar de neurônios

a postos estou para ukna guerra em gloria cãtra

ESCOLA

contramundi

contraescola

esmoler contra

arriado na i munda nação

O tempo não passa de uma criação de si para que sintamos
o horror de (r)existir ao que mais se quer
vagueggio na Ilha de Próspero pero no mucho
perro sarnoso carraptacorrupt ela não entende
ca rranca da proa que singra e coagula de saber

o que nao te

HERESIARCA

i mola não há no profundo fundo do mundo
posso (?)

MEN ARCA aristo

crática crítico

D(ur)ANTE esta vi a gente deixar BE ser GENTE

vi que a força não é mais que a força do monstro

escamoso que devora satúrnio

a quem

esqueceu de entender que nada se pode fazer sem

CRI-AR ararararararar arararara ara araa

dropout da vida

crudel, tu non mi amasti

não é

prá sentir bem

é prá incomodá

malária esco-lar

cnidoblasto

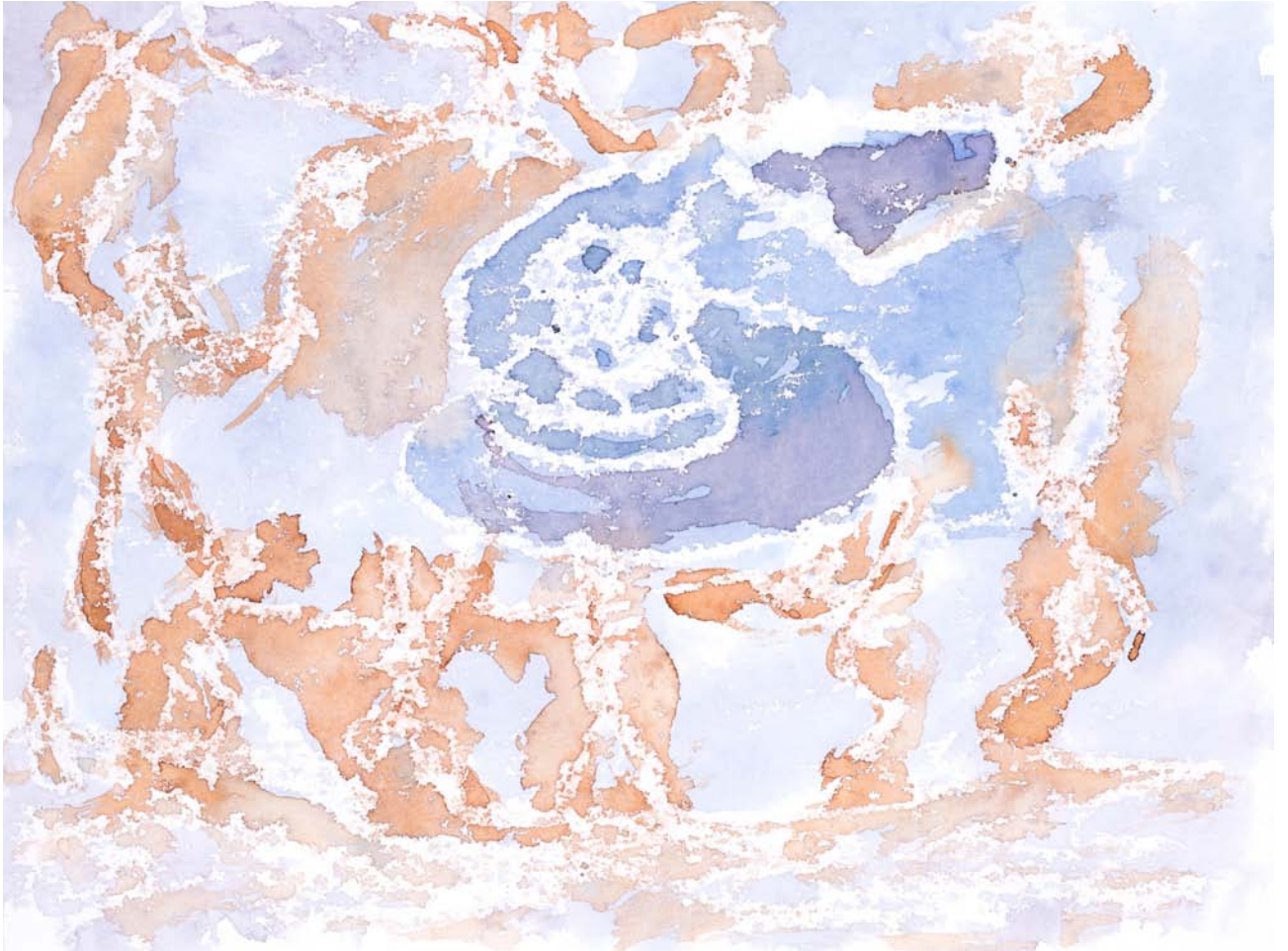
eritrócito

acúleo

aguilhão

aguilucho

{“A Educação (escolar) os dessocializa, os culpabiliza, os complexiliza, os neurotiza, os reprime, os desvitaliza, os anula, os doutrina, os militariza, os imbeciliza, os submete, os despontaneiza, os sadiquiza, os masoquiza, os robotiza, os industrializa, os cidadaniza, os patriotiza, os fossiliza, fá-los esmagar.” (CELMA, 1979, p. 15)}



Onto-(i)lógica perspectiva
o quê se é
também é
o quê se deixou de ser

Arte

meu veículo
(dirijo alcoolizado)

nele expresso

o que sinto

vejo

vil

mil caminhos
per corridos

Lampejo!

{ [...] mas na possibilidade dela ser várias coisas que ela quiser e puder ser, mas sobretudo, conseguir ver o que fazer nesse mundo que lhe diga alguma coisa, que atribua um sentido para a sua vida sem que a mesma lhe pareça desperdiçada ou banal. Não há um sentido para a vida e sim uma miríade de possibilidades de tu criares sentidos, é algo a ser construído, é algo para ser conquistado, dialogado, elaborado...

Recobrando o raciocínio do início, ver O mundo e ver NO mundo onde e como eu posso me encaixar, não no sentido de se enquadrar, mas significando fazer parte, de participar, de participar sendo o que eu sou. Sabendo o que fazer para participar sendo o que eu sou. Olha que habilidade que a Educação pode dar a alguém.}

{“A vida tornou-se uma grande prostituição. Tudo se compra e tudo se vende. Os habitantes do planeta, transformados em objetos poeirentos, derivam em diferentes velocidades numa imensa estação de triagem, planificados pelo poder.” (CELMA, 1979, p. 15)}

(des)caminho a mim
desta estrada enfadonha

Socorro!

Mayday!

Naufraguei em mim.

Não sei nada(r).

Sei sucumbir.

quasímodo da literatura

o exagero o excesso barroco

po

voo o

polvo

pólvora

polêmico



polvo rosa

tenta

tenta

tento e colo

calar a cabeça é impossível

tintureiro de mim, venho tinto tentar e tatear
abraçar a oito mãos todos apenados do bênton



estro

emulador

afagar aos

tapas

escola (de)formas

afogar os mapas

saltimbanco

Ariel!

ARIEL!!!

É o cúmulo (nimbo)

furibundo

É a procela,

hórrida procela

Vagalhão liebestod

exausto

mirando nada mudo

tocando mudo o mundo

trovador de afagos...

trovador

de vontade

eis um texto noturno
meu eu nocti-vago
vagalhão!

{O dia é hostil aos pensamentos, o sol os obscurece; só
florescem em plena noite... Conclusão do saber noturno:
quem chega a uma conclusão tranquilizadora sobre o que
quer que seja dá provas de imbecilidade ou de falsa
caridade (CIORAN, 2011a, p. 183).}

desesperado e vencido por conjecturas UV

exausto de mau hálito de inconclusivas digressões

esquálido kwashiorkor

solífugo

Antropologia 24h

Misantropia 1min.

Antropofagia em horário comercial

Autofagia adiada

Sonho

Vi(r)gília/o

Sonâmbulo

nego o real

ís(t)mo

Não é dæ(r)do

é construto

NAIF

processo
de singularização
subjetivo



a ida
de
1%

Entre
nó
sistema
significação
dó-minante



produção
do corpo
sem órgãos
CRISPR

Tardígrado escolar
Tornassol escolástico
Trabugo do anarquista
Trambolho musicista

VIVI TIRANNO!

contudo

{Ainda tenho um fraco pelos tiranos, prefiro-os aos redentores e profetas. (CIORAN, 2011c, p. 57)}

e ainda

{“Na escola, a mentira, a submissão, a nazificação são as peças essenciais de um jogo cruel que a criança deve apreciar custe o que custar e onde ela é a vítima designada. [...] Não se aprende nada na escola, ou muito pouco, esse pouco constituindo-se precisamente em não se aprender. [...] Quantos milhões de pessoas foram destruídas nas fundições escolares? Quantas doenças de caráter foram concebidas por estes congeladores pedagógicos?” (CELMA, 1979, p. 14)}

consciência da solidão

plena ciência
lida

vinde matilha
eu tenho pólvora
em cada gargalhada
trinco a gárgula agachada
herege lesa majestade
finjo e fisgo
cada larva, cada espectro
que sai da tremenda lura
sedento de juventude
eu sou sarna
vírus
vivo
vi

oi, vó judith.
o que é isso grudado na minha calça?
pega-pega. Que formosos são!
por que são assim?
para que viagem. és deles a nau.

verdade limitada
dizer não à geometria
não é contradição

é

a l a (r) g a m e n t o

conhecimento
pela
imaginação

?

negar a tabula
rasa

profundo túmulo

empirismo da tarde

racionalismo da manhã

racionamento noturno
ração de saberes
sem sabor
spida poesia
sopa de notas musicais

Lampejo!

[O polvo é o eu erótico, meu eu construtivo, meu eu bom, que faz mil coisas ao mesmo tempo. O caranguejo é o meu eu destrutivo, devorador.]

Puissance de principe

|
v

Chega ao fim.

Busca-se um fim.

Empiria, presunção de certezas travestidas de dúvidas

Meras impressões do bicho-gente a ler, assustado, o mundo que o

acossa, assusta, arrasa, fascina e faz pó.

A razão trabalha e constrói.

Arrasa

Ar

raso

urro



incorporar a sala de vida na (j)aula

vodum, ritual

o palco às avessas

Minotauro global

GOLGOTHA

Paciência, ato de amor

Imbecilização
não tem problema (?)

Cerastas conselheiras
Banquete de Aguilucho
Moluscos venenosos
Excisão da glândula
Abandono da concha inabitada

Sagrar uma Tese ao devaneio.

Dimensão de sonho.

A função da imaginação
é o sonho.

Não é conhecer.

Isto não é possível.

Há menos contr-adição
que correlação

Devir de nascimento

Philosophie du ré-
commencer
alizer
organizer

Buraco negro

PO₂esia enzimática
azia
poenzima

buraco negro
atómo é sub-objecto

Intuição é importante.

Razão não é um absoluto imutável.

Escuridão

Escorial



O(ri)ffício do sistema
Espalancar as bordas do Orco - [Gargalhada]

O que resta é Ópera!

Porque o resto está perdido.

["A negação da solução é a única forma tolerável de negação"
(CIORAN, 1973, p. 131).¹⁴]

R

¹⁴ Tradução minha.

sto

de nada!

NÃO querem nada com nada

por supuesto!

somente depois que ris _____co

corre-se sabe-se o quê

a vida

desenhou

há risco

que fedor tem a verdade!

Diptero
moscardo voejante
rios de merda
singrando o pátio
crianças brincam
impertérritas
odor amoniacal
nicotina na janela
braço do esqueleto
regendo orquestra de eguns
helmintos rastejam
transfiguradas serpentes
inoculam giz e tédio
no fundo da alma
ladrões de tempo
ralo abaixo o tempo de brincar
o tempo
logo logo irão pra casa grande
já estão perdidos, disse quem nunca se achou
tudo é vaidade
tudo

não é no porvir do cianureto, como disse Cioran,
que se encontra a salvação da humanidade
talvez seja na implosão total
da escola
mãe de todos os dogmas
filha da igreja

as palavras são traidoras

poderia me disfarçar com tudo

menos com minhas palavras

larvas deladoras

dilatadas

erro é o fim

escolaboratório de erros

sem pecado

nada é mais orgânico que o fascismo

dicionário ilustrado interior

desenho cego

tartaruga-vulcão

LUZ POLARIZADA POR CIORAN

{ "[...] a vida é apenas um estrondo sobre uma extensão sem coordenadas, e o universo uma geometria que sofre de epilepsia" (CIORAN, 2011a, p. 32) }.

experimento psico-lógico

(nar)

cótico

puxando células e átomos

(disse-me um dragão roxo)

Lampejo!

{A coisa em si e sua natureza. “[...] Um pluralismo de ideias e formas de vida é parte essencial de qualquer investigação racional concernente à natureza das coisas” (FEYERABEND, 2011, p. 58). Assim sendo, não se poderia descartar nenhuma possibilidade. Faz-se necessária a negação do dogma e seus nós. Seus complexos. É notável que um “complexo dogmático” conquista um grupo que passa a defendê-lo e transmiti-lo. A partir de sua consagração, estabelece uma (necessidade de) unanimidade e cria instituições que se baseiam em suas premissas e axiomas. Eventualmente, instituições que já existem adotam esse complexo e, a partir de então, passam a estribar sua práxis em suas prescrições e adotam uma visão de mundo filtrada por seus paradigmas. Com efeito, cabe às escolas inculcar este complexo dogmático aos seus clientes e dar-lhes certificações somente se considerarem que concordam, aceitam e se submetem às “verdades” concernentes ao que se tem como válido. Os conteúdos e, talvez, os conhecimentos são apresentados sem que se explique os processos que se deram na gênese dos rudimentos e na consagração do produto que se tem como “complexo dogmático”. Tornam-se, portanto, as escolas como guardiãs dos dogmas e doutrinadoras violentas de pessoas no frágil início da formação de suas identidades intelectuais. Assujeitam-nas. Existe, nisso, uma clara função de conservar as regras, rituais, procedimentos e atitudes que constituem um complexo dogmático que, muitas vezes, serve a poucos e pequenos grupos de sujeitos que detém elementos fundamentais para dominar em relações de poder. É preciso exercitar a constante fuga do dogma, pois “A inteligência só floresce nas épocas em que as crenças fenecem, em que seus dogmas e seus preceitos se relaxam, em que suas regras tornam-se mais flexíveis” (CIORAN, 2011a, p. 111). O não dogmatismo e o pluralismo são essenciais para o crescimento humano e para a ampliação das possibilidades de pensamento. Com efeito, “O pluralismo de teorias e concepções metafísicas não é apenas importante para a metodologia; é, também, parte essencial de uma perspectiva humanitarista” (FEYERABEND, 2011, p. 64).}

GB

"[...] montão de carne consciência barulhento e cheio ecoa o único"¹⁵



soter ignum

¹⁵ TZARA, 1931. p. 26-27 (Tradução minha).

tateando num baile

de relevos lisos

raspados

pela rádula áspera da lesma

mínima

que seca

a

valva

e gosta de gosmar sem gosto nem regozijo

inexorável linha que não diz respeito

até que o polvo jorre

semente

que fecunda

o presente

lirismo é bárbaro:

sangue, sinceridade e chamas

tese inflamável

infectese

copiar é morrer

apodrecer em vida

apologia ao desespero

não será sob

a luz de autores

mas sob a sobra

de minha insanidade

imanência de
adoecer

a docência

processo criativo sem moldura

não queria ser sábio

queria ser herói

basta

não se é coisa alguma

ser estar coabitação

processo interior

o que tem de real - facto

já é ficto

bicho se debatendo

jaula

pavor do ineditismo

[FACTOS E FICTOS descrevem a escatologia extemporânea
apocalipse fora de época
grande celeiro de fascistas
famélica fera de-batida
acena aos desterrados com promessas
sereia desafinada
senhora dos sacrifícios
detentora dos dogmas mãe das certezas
crua, nua e dona da verdade
monstro sagrado vaca sagrada vetusta imorredoura
purulenta sulforosa macilenta enganosa
caduca lúcida claudicante bailarina
bêbeda nos licores de sua própria putrefação
Capitolina de ubres calcinados
leite talhado da civilização
genocida ideal
vírus mortal

muito prazer,

meu nome é Escola]

eletrocução da intelecção

miasma

inutilidade da poesia

quero estudar o que não serve para nada

o que é nobre

é tão inútil que não diz nem o que queremos

dizemos algo?

gera um beijo futuro

nas margens separadas pelo corte

arte é esvurmar
tirar purulências
saciamento às fomes

7ª Sinfonia e a Impossibilidade de ser feliz

Ludwig

criar não é baba

é hemoptise

carpir o bom senso

incensar templo dessacralizado

ossário

Penso com meu próprio EU

Crio e De-crio

Escrevo por vingança, penso contra mim.

insurjo-me contra minhas entranhas

conjuração visceral



preciso que estudem o que é inútil

quero o que não preste

peste

sou fazenda longínqua

depois de dia de chuva

sem mapa

sem sinal

sem sino

sem sina

Opsonizado, fago-citado e degradado

pelo sistema imunitário infalível da sacrossanta mãe-Escola

(fazer sinal da cruz)

Pai dos anjos escarradores

Profeta de doenças curativas

Sonhos esquecidos sob classes
sem luta(r)

Museólogo dos fracassos
Colecionador de (in)sucessos

vó judith, disseram que vivo sonhando.
*santinho, viver não é preciso,
mas sem sonhar não se vive.*

a práxis deriva de como o mundo me deformou

sou a soma de tudo que me constitui

exército de mim

exerço em mim

extirpo

Enxugo palágrimas
escorridas do pensamento
Arrefecem o braseiro
da toleima
lodaçal

Melma escorrendo em rios
férvida de descaso

Caverna
Biblioteca
Sapientais revisitados

Lampejo!

[Isto não implica não ensinar ciência, negar a ciência ou invalidá-la - conhecer ciência pode (e não necessariamente é) ser um meio de municiar as pessoas para uma vida mais harmônica com os ecossistemas, mitigar a desigualdade brutal entre os grupos humanos. Conhecer ciência, sem ilusões de perfeição de seus expedientes ou paixões que a idealizam como "o único" meio de conhecer o mundo, é uma forma de emancipação e formação de cidadania. Porém, conhecer ciência como aqui se propõe implica, justamente, conhecer suas limitações metodológicas, epistêmicas, históricas e humanas, e, sobretudo, percebê-la como um construto humano não homogêneo. Destarte, existem múltiplas formas de saber na ciência e existem inúmeras ciências. Cada uma opera e "funciona" em universos particulares a partir das estruturas que os constituem e que, por sua vez, moldam os axiomas e as abordagens de cada ciência. A ciência só tem sentido de ser e existir enquanto servir para o melhoramento da qualidade do bem-estar social e ambiental. Dispor de tecnologias não é, necessariamente, conhecer ciência. Conhecer ciência é compreender e entender o processo de construção de conhecimento, que difere imensamente de perceber produtos e conhecer suas características funcionais. Seria uma postura cientificamente correta aceitar múltiplos entendimentos sobre os fenômenos e não utilizar do expediente de invalidar o que difere do que se pensa ou de desmontar pensamentos divergentes para consolidar o que se tem por seu. Não é necessário invalidar o pensamento de outro para validar o próprio...]

vó judith, que barulho é este?
são os cupins a comer as madeiras do telhado, santinho.
e se o telhado cair!?
santinho, se o telhado cair, veremos as estrelas.

Surreal vilosidade, aderida e decomposta
Invencível coerência, reinante e decadente
Siderito inflamável gerador de maremotos
Estruge guerras sangrentas e vence o
Nada
Fuga desesperada
Natação do Heresiarca
Afogamento, pontos abertos
Mostra o que sabe fez sente e pode
Potência desvestida em semitons
de uma morte lenta trajando camuflagem
Argênteos peixes fugazes e siderais
Pulam muros de lamentos e remendos
Pernas tortas, dentes podres e letras miúdas
Torturadores imorredouros e vetustos
Algozes de si
Atrozes ao mundo
Venusto exército de afetos salva-me deste Inferno

vejo o caos

marteladas

pandemônio

marteladas

salada de parafuso

marteladas

mulher louca

na árvore

marcha

milícias

the chickens are in the Central Park!

ode a um cachorro morto

tese egoscópica

não-alterográfica

anti-jivarização

ser muitos
caleidoscópio sum
10
legitimado

movimento no
movimento
sensorial

estética
o durante

DANTE

no caminho

Shackleton

Endurance

deserto de gelo

casco avariado

horizonte aquático

Lampejo!

[“Educadores progressistas têm sempre tentado desenvolver a individualidade de seus discípulos e fazer florescer os talentos específicos, e por vezes únicos, de uma criança” (FEYERABEND, 2011, p. 64). Uma educação que busca desenvolver a autonomia intelectual, a criatividade e os talentos específicos de cada pessoa muitas vezes é entendida como utópica e um “fútil exercício em sonhar acordado” (FEYERABEND, 2011, p. 64). Uma vez que “é necessário”, ou entendido como tal, “preparar os jovens para a vida”. Portanto, torna-se necessário que absorvam e introjetem um conjunto de habilidades, competências, conteúdos, preconceitos e concepções - preferencialmente padronizadas - para que possam ser aprovados em testes feitos meramente para justificar o desinteresse das instituições em, de fato, oferecer vagas para todos os interessados nas (de)formações que têm a oferecer e, muitas vezes, sem as quais não se pode fazer parte de um sistema que fornece os insumos básicos para uma vida menos miserável. Se, no decurso do processo educacional, um vestígio de sua imaginação ainda permanecer “não encontrará aplicação apropriada nas artes ou em um tênue domínio de sonhos que tem pouco a ver com o mundo no qual vivemos?” (FEYERABEND, 2011, p. 64).]

vó judith, deu tudo errado. fracassei. foi um desastre...
*santinho, estas coisas são boas de acontecerem para depois
termos histórias a contar.*

a marcha da insensatez está em curso
em inércia

pouco há
a ser feito

seria um convite ao
nada
fazer

sereia convidada
ao nada

amarro-me ao convés

o inimigo incinera o presente
angustia o futuro
talha o passado

o suor das mãos só existe
quando estão unidas

espectroscopia poética

conspuração ou unção?

estilo glacial

geodésico palavrório

siderito textual

geômetra ágrafo claudicante

[Não desisti da ciência. Simplesmente não posso, não preciso e nem quero seu rigor (mortis). Tese expressionista para não implodir em mim. Atesto em texto o inextricável e inesgotável processo de diferenciação numa gestação de 400 dias.]

vó judith, há uma formiga no meu bolo.
não, santinho. há várias. há dezenas delas.
o que faço, então?
come-as.

D(ur)ante o caminho das formigas
Nômades incorrigíveis
Mais precavidas que cigarras
Fumam estoicismo retorcido
Na poesia descritiva
Confessam o que viram
no Caos da Caminhada
Em 400 dias
Meu formigueiro navegou
Em Arca de Alianças
com Mefisto
e Torquemada

* * *

Insularizado em minha presunção
Incontinente nas palavras
Lavradas em papel mofado
Larvas em plantel de algozes
Correm da incontinência
escorrem das entranhas
percorrem as reentrâncias
perturbam as vísceras de papel
Penetram como traças
na

Carta de Recomendação:

N.º 0.035.º



D. José Beres y Curia, Alcalde constitucional de la villa de Castellón de Júcar.

Certifico: Que D. Juan Perelló y Neig, maestro de la escuela pública de niños de esta villa, durante el tiempo que reside en esta localidad ha observado constantemente una conducta inmejorable como vecino; y ha demostrado esmerado celo en el cargo de profesor, consiguiendo aprovechados adelantos tanto en la instrucción como en la educación moral y religiosa, captándose la simpatía y amistad de todo el vecindario.

Y para que conste a petición del interesado libro la presente en Castellón de Júcar a treinta de Junio de mil ochocientos noventa y siete.

El Alcalde,
José Beres

El Secretario,
Antonio Orpella



Aria della follia

Coro:

Giusto Ciel!

Louco:

Sinto a queda infrene!

Tragado para dentro de mim.

Autofágico, regurgito-me.

Flutuando na eternidade do nada.

[Queima um mapa dentro de uma bacia metálica e ri.]

Louco:

Eu não vou! Simplesmente estou.

[Os restos carbonizados do mapa acendem e se desfazem em pó negro.]

Luz! Eis que chega ela nesta noite eterna.

Atrasou-se na mucilagem das estrelas. Escorreu pelo floema do Universo.

Alumbrou a testa deste apóstata.

Luz! Por que me queimas?

Será a lente de um cientista?

Serão os feixes de um microscópio?

Estarei eu numa lâmina histológica?

Serei eu uma formiga?

Largo al factotum de la città!

[Assume um semblante hediondo.]

Louco (Incorporando Prof. Inocência):

Silêncio!

Calem-se!

[Tosse, tísico. Resmunga. Manca. Senta-se dolorosamente. Escarra no chão. Esfrega as mãos sujas de giz.]

Louco (Incorporando Prof. Inocência):

Sumam!

Obedeçam!

Ladrões!

[Suspira. Balbucia. Engasga-se. Acende um cigarro e fuma-o, em brasa.]

Louco (Incorporando Prof. Inocência):

Eu sou lúcido. MERDA! Sou lúcido!

[Levanta-se lentamente, gemendo. Manca. Resmunga. Desaparece nas sombras.]

Louco:

Translúcido!

Fúlgido!

Sou treva morta, decomposta.

Au! Au! Au! Auuuuuu!

É a velha cadela... Seu estro é permanente. Ela obriga a falar. Nunca dorme.

"Ainda está fecunda
A besta que pariu a coisa imunda!" Brecht!

Coro:

Egli delira!

Louco:

Perdemos! Perdemos!

Não amaldiçoo nesta hora tremenda.

Perdemos, sim. Mas continuaremos vencendo na derrota.

EU ODEIO A CONTEMPORANEIDADE!



Tiro-sina singular.

Não recaia sobre mim a ira da spergiura scienza!

O vapor de meu sangue polui a abóbada dos templos augustos.

Minha estirpe escravagista salga as mãos calejadas e charqueia a ideia sa(n)grada aos deuses.

Cosmogonia agônica de um professor alforriado.

Faz do flagelo disciplinar um remo.

Fé-cunda!

Movimento sísmico das marés de dúvida.

Não é proibido pensar!

[Rola no chão, levando as mãos à cabeça.]

Deixe-me passar!

[Como se nadasse no seco, debatendo-se.]

Deixe-me passar!!!

[Levanta-se e corre.]

Poenzimas traduzidas em retículo eletrificado.

Avariado sítio de(s)-ligação torpe.

(Co)valente amor ao decair.

Poesia enzimática desacelera o rigor do prazo, prato feito do capitalismo.

Como seria bom curtir um escorbuto, numa bela cara-vela.

Atolar no sargaço e, à deriva, versar literatura molecular.

Até morrer de sede.

[Com uma garrafa vazia na mão. Examina-a. Vê que não tem água. Joga-a no chão. Espatifa-se.]

Coro:

Forse nato!

Louco:

Danço ao redor do fogo e bato garrafas vazias para espantar fúrias.

Pulo das pontes de H e afogo minhas ha(za)rd sciences.

Que vontade de comer cacos de vidro!

Duas bactérias fazem sarau em meu rebotalho. Declamam Augusto dos Anjos.

Realizei meus pesadelos.

Fracassei, felizmente. Fracassei enorme-mente.

Sabotei a grande fábrica de fascistas.

Conspurquei o solo sagrado à tortura.

É tudo mentira.

O que existe é o que resiste.

Naveguei no dorso do quelônio. Marujos alimentados!

400 dias não passaram da/de ilusão.

[Diz isso girando, com um dervixe.]

Aspergi meu pranto amaro e fiz de mim o meu quilombo.

[Expira e cai no chão.]

Coro:

Notte d'orror!

[Trovoada]

Louco:

Antes morrer do que torcer!

[Morre.]



La commedia é finita!

Excumação

de um texto que jaz morto e arrefece.

Conhecer a nós mesmo é identificar os motivos sórdidos de nossos gestos, o inconfessável inscrito em nossa substância, a soma de misérias patentes ou clandestinas das quais depende nosso eficácia. (CIORAN, 2011c, p. 73)

Busquei uma maneira de expressar os processos que ocorreram e como foram as subjetivações desenvolvidas ao longo deste período.

Seria possível escapar da Arte?

A construção do texto foi a sucessão de uma desconstrução da tentativa de objetivar o que ocorreu ao longo do tempo em que um professor esteve envolvido e impregnado de uma série de realidades, nem sempre fáceis, nem sempre simples e, na maioria vezes, repletas de desafios (e desastres) a serem identificados e trabalhados. Existiam possibilidades de ação que só poderiam ocorrer na interação com as pessoas que lá estavam.

Naquele lugar.

Naqueles momentos.

Eu vi naquele professor, que inicialmente pensou em ir ao local no qual “precisariam” dele, carregando sua mala de ciência, arrogância e ingenuidade. Nesta intenção desconhecida, havia uma pulsão que ia muito além da intenção de tornar-se “mais” professor ou mais experiente, trâmite o conjunto de vivências que estava por ter...

Aquele professor desconhecia o devir, porém sentia que vivia uma jornada. Uma caminhada nômade, a busca de um novo território. “Para concebê-lo e aspirar a ele, é preciso detestar o devir, sentir seu peso e sua calamidade, desejar a qualquer preço separar-se dele.” (CIORAN, 2011c, p. 108).

Era um apátrida em busca de novas plagas. Sequer imaginava, porém, que descobrir-se-ia um nômade incurável. Não nascera para a fixidez. Era apátrida de si. Exilado de seus pensamentos alados. Ele não poderia imaginar o quão fundo poderia calar tudo o que viveu naquele inferno.

Ao longo de 400 dias várias mudanças ocorreram, porém a maior parte delas ocorreu no ambiente interno do professor.

O texto que lhes foi apresentado é um escrito expressionista.

Um texto que busca não comunicar pelos outros.

Sendo assim por quê meios comunicar-se com os outros se não pela prestidigitação da mentira? Pois se não fôssemos saltimbancos, se não houvéssimos aprendido os artifícios de um charlatanismo sábio, se enfim fôssemos sinceros até o despudor ou a tragédia -, nossos mundos subterrâneos vomitariam oceanos de fel, onde desaparecer seria nosso ponto de honra: fugiríamos assim da inconveniência de tanto grotesco e sublime. Em um certo grau de desgraça, toda franqueza torna-se indecente (CIORAN, 2011a, pp. 60-61).

Sequer por mim poderia dizer algo legítimo.

Até porque a leitura é uma espécie de “ato autoritário”. Nós interpretamos como queremos e como podemos.

A leitura mata o texto.

Mata o texto pela segunda vez, porque as ideias que expus também morreram no momento em que foram escritas. Putrefam nos tipos.

A leitura que não permite o diálogo.

Só permite a interpretação, visto que a observação e a interpretação são indissociáveis. Tudo isto foi proposital, visto que não havia como dizer o que ocorreu com os outros. Sequer dizer o que ocorreu com o professor... Também não era possível transmitir em palavras o que se pensou objetiva e detalhadamente sobre tudo que aconteceu. Ademais, sou “Antifilósofo, abomino toda ideia indiferente: nem sempre estou triste, logo não penso sempre” (CIORAN, 2011a, p. 127).

O referencial do qual eu me servi para elaborar as ideias foi escolhido devido às possibilidades de pensar de maneiras diferentes todas as caleidoscópicas sensações que ocorrem quando descobrimos que nossa mala cheia de conhecimento, todas aquelas técnicas e medidas que aprendemos a duras penas de nada servem quando nos encontramos com algo que vai muito além da capacidade humana de transformar.

O texto é, portanto, uma tentativa de singularização devido à subjetividade da experiência.

É uma escritura de vingança e um pensamento, como diz Cioran, é um pensamento contra o autor. Uma forma de voltar-me contra mim.

O que eu apresentei aqui é uma narrativa ex/com-plicativa e, de uma certa forma, um negativo das expressões do texto.

Afinal, qual é o objeto desta investigação? A que se visava com esta pesquisa? O quê se buscava saber e elucidar com tal tese?

Quando vivenciei situações de pesquisa na Educação, eu já tinha um objetivo e já sabia o que eu gostaria de descobrir, qual era a pergunta que me movia. Outrossim, neste caso, a pergunta surgiu ao mesmo tempo que a resposta ou as respostas. O problema se deu no decurso deste caminho e que tem uma relação com o porvir e um devir Dante.

Quando viajamos, pensamos em chegar ao local no qual ficaremos e estaremos. Já o espírito do qual eu me imbuí nesta “pesquisa”, e eu separo o pesquisador e o professor, ambos a mesma pessoa, porém, era o da intenção de narrar uma expressão da imagem borrada que se tem quando se trafega em um trem de alta velocidade... O devir Dante e durante é um contar a história vivida no caminho.

E no caminho que se constrói ao andar, no caminho que não se constrói antes e que, após a caminhada, desaparece e esvanece.

E(s)coa no Nada.

Inicialmente, imerso em uma experiência e imbuído de uma série de finalidades que são consensualmente esperadas e exigidas de um professor e de um pesquisador,

a intenção e a atitude tinham uma expressão “jesuítica”. Uma intenção daquele que vai construir uma redução e transmitir e impor os seu valores, formatando os indivíduos conforme as suas convicções e as suas visões de mundo. Visto este jesuíta crer saber o melhor para seus índios...

E de crencas estamos fartos.

O professor se encontrou naquele local e viu, gradativamente, que era impossível fazer uma modificação e ao mesmo tempo era inevitável que se modificasse não só o ambiente, mas a si.

Houve uma transumância da intenção jesuítica para a intenção silvícola.

Ao contrário de um jesuíta que vem impor a sua cultura, ocorreu um processo inverso sobre o qual se discorreu nesta tese e se discorrerá, ainda, a seguir...

O que eu ainda mostrarei será o motor da expressão, o campo da potência, o que se ocultou da luz do texto e o que está detrás do texto.

O texto não tem um objetivo unicamente de desconstrução e nem um objetivo de contestação ou transgressão. O texto é transgressor por não haver uma possibilidade de não sê-lo. O que percebi foi que era impossível dizer pelo outro ou dizer algo do outro ou sobre o outro. A intenção inicial de “pesquisar o papel da pesquisa em sala de aula na formação científica cidadã humanística” and so on, and so on, and so on...

... dos alunos se transfigurou na tentativa, talvez não atingida, de elucidar quais foram as modificações e quais foram as derrotas que acometeram um professor que visava a modificar o seu entorno e acabou modificando profundamente a si, sendo ainda menos professor do que já era. Foi um processo de desintegração da professoralidade... Foi um desastre.

400 dias não permitem que falemos sobre eles.

Somente podemos falar e pensar sobre os restos, os frangalhos, os resquícios e rebotalhos do pouco que fica da memória e, principalmente, da memória das ideias que ficam. As experiências, e essas sim ofuscam qualquer tipo de ideia, por mais profunda

que seja, talvez sejam o material mais concreto e mais pungente que existe. Dessas experiências talvez brotem as expressões artísticas.

Neste inferno, e não só o inferno pessoal, mas neste inferno conceitual, no qual mergulhou o professor, o ambiente se configurava de uma maneira que todos aqueles que lá estivessem não conseguissem entender o porquê de lá estarem, mas tinham a consciência latente e dogmática de que deveriam lá estar.

O ambiente o qual eu chamei de inferno - não como uma adjetivação pejorativa, mas como uma caracterização das expressões - foram as pessoas que permitiram este encontro, que promoveram essas modificações e que foram o pivô das mudanças e de qualquer crescimento, fosse intelectual, pedagógico ou espiritual.

A ciência tem uma dureza e um rigor que se faz necessário para a maioria das empreitadas da pesquisa. Contudo, ela carece da suavidade necessária para elucidar a vivência em uma situação na qual o professor percebe que aquilo que ele tem a ensinar não precisa, nem deve ser ensinado... Na qual aqueles que lá estão não sabem por que estão, mas sabem que precisam estar e que não querem estar. Isso configura todo um circuito de culpa e angústia.

Ao longo dos 400 dias dediquei-me para tentar de alguma forma pessoal explicar, expressar e, de alguma forma coletiva, melhorar as condições humanas no tempo em que lá estive. Neste espaço, o professor encontrou uma sala vazia que era um depósito, de fato um depósito, e não como outras salas que eram depósitos de gente, mas um depósito de objetos. Ali se construiu, junto aos alunos e acolhendo as ideias dos alunos, uma sala que foi batizada de “Sala de Ciências e Consciências”. Nesse espaço não ocorriam exatamente aulas, mas se conversava sobre assuntos que interessavam as pessoas e se faziam coisas que pareciam dar algum sentido ao que se vivia naquele local. Era um ateliê de subjetivações.

Abdicou-se! Abdicou-se da maldita preocupação com o futuro. Inócua e onipotente preocupação. Passou-se a pensar no durante. Sem o “pré”, surgiram ocupações e ações. Estava “intoxicado de futuro por haver abusado da esperança. (CIORAN, 2011c, p. 47).

Era um esforço contínuo, reiterado e prazeroso. Portanto, uma experiência não só de reclamar do mau cheiro, mas de tentar fazer algo germinar na adustez absoluta.

Um trabalho para construir situações que dessem oportunidades de encontrar sentidos às vidas de quem lá estava. Percebeu-se que o maior desafio não era transmitir conteúdos e conceitos, não era preparar alguém para alguma coisa, mas trazer algum tipo de élan vital e existencial para aqueles que lá estavam sem saber o porquê. Era tentar encontrar o porquê de estarmos aqui. Arqueologia do porquê.

O que nós estamos fazendo aqui? Para que e para quem faremos coisas aqui?

Nos primeiros 200 dias percebi uma conspiração coletiva (in)consciente para destruir a vontade das pessoas, percebi-se uma organizada, talvez uma auto-organizada conspiração e ação conjunta de vários entes para minar a vontade das pessoas que lá estavam. Talvez os verdugos da vontade não tivessem consciência da sua função real. Talvez os golpistas da vontade não tivessem consciência do que estavam destruindo. Talvez eles próprios tenham sido um dia aqueles que tiveram a sua vontade assassinada e não entenderam o porquê, mas aprenderam a fazê-lo. É um aprendizado fácil, este de castrar.

Basta saber manejar algo cortante. Caco de vidro. Navalha. Conchas. Unhas...

Os primeiros 200 dias foram oportunos para identificar o inimigo. E ele não estava só. Em todos os lugares escondiam-se as Erínias.

O inimigo era o próprio local .

O inimigo era o local e os agentes desse difícil processo de tensionamentos e tensões verticais que impuseram um contínuo, incansável, inquebrantável, desesperado exercício de resistência tinham sem dúvida uma obstinação antropofágica e cruel. Já disse Cioran:

Passamos a maior parte de nossas vigílias despedaçando em pensamento nossos inimigos, arrancando-lhes os olhos e as entranhas, comprimindo e esvaziando suas veias, pisoteando e esmagando cada um de seus órgãos, deixando-lhes apenas, por caridade, o prazer de seu esqueleto. (CIORAN, 2011c, p. 66)

Apesar disso, nos benditos primeiros 200 dias houve o que eu chamo de “Devir Fidelio”. Fidelio, a personagem central da única ópera de Beethoven, a Leonore, tra-

vestiu-se de carcereiro para ficar próxima de Florestan, seu amado que estava encarcerado por motivos políticos. A ópera de Beethoven tem um claro viés político e libertário. E, neste caso, o Devir Fidelio consistia em “trajar-me” como carcereiro e simular sê-lo para me aproximar de quem estava confinado em um ambiente criado para que todos se acostumassem ao confinamento ao ponto de estarem confinados mesmo quando não lá mais estivessem, quando não houvessem mais paredes nem sirenes... Uma fábrica de confinados permanentes e de confinados, não entre paredes, sirenes, uniformes e enquadramentos, mas confinados na proibição do pensar, que se dava, mormente, na severa e implacável punição do erro.

Esta identificação do sistema de punição do erro fez-me perceber que temer o erro, temer o equívoco é a forma mais fácil que existe de impedir que se crie. Temer é sempre destrutivo. Temer não permite pensar.

Nos primeiros 200 dias foi necessário sorrir para quem se deveria no mínimo escarrar.

E, sim, haviam lados.

E, sim, haviam pólos.

E, sim, havia gente má. Muito má.

E, sim, havia uma guerra ocorrendo...

Tanto é que ao longo dessa guerra o professor perdeu soldados. Essa guerra que não era fria nem quente. Era uma guerra tépida, morna. Cabeças cozinhadas em banho-maria.

A guerra se mostrava a cada dia que se entrava num local que carecia da limpeza mínima, no qual faltava o conforto mínimo para se desenvolver qualquer tipo de pensamento, local que carecia dos materiais necessários para se fazer qualquer coisa criativa e que carecia, sobretudo, do acolhimento necessário para abastecer e municiar as pessoas de vontade, de potência e de inspiração para buscar e construir sentidos para suas vidas, muitas vezes, esfrangalhadas pelo facto.

O Devir-Fidelio, e todas suas agruras, foram recompensados. Nos últimos 200 dias lecionei “Seminários Integrados e Projetos”, que era um tempo destinado a pensar sobre ideias que os alunos traziam para a escola. Na segunda etapa dos 400 dias foi possível promover e fomentar criações, inquietações e fugas que o rigor da disciplina impunha.

Nos últimos 200 dias foi possível conhecer outros lugares. Foi possível escapar da imposição de uma sequência de conteúdos predeterminados com nítidas intenções ocultas de obliteração do pensamento crítico. Naquele espaço que ocorreu este fenômeno que a época permitiu.

Fosse hoje, (março de 2017) não seria possível essa experiência ocorrer.

Foi possível horizontalizar algumas relações e desmontar outras relações de dominação e colonização intelectual. Foi, então, o momento em que começaram oficialmente algumas aulas mais dialógicas e diabólicas, nas quais se poderia, dentro daquele tempo, exercer alguma potência de existir. Alguns alunos fugiam para aquele espaço. Ocorreram endo-fugas. Alguns alunos descobriram-se a(u)tores.

Foram dias de autorização, de autoanálise, de crítica, de fome e saciedade. Foram semanas monstruosas!

Não percebo isso tudo como uma experiência de finalidades. Também não contabilizo objetivos atingidos e metas cumpridas... Foram pequenas alegrias dentro da uma arca de fracassos.

Aqueles primeiros instantes em que a (futura) Sala de Ciências e Consciências, então depósito, tinha somente materiais descartáveis, mimeógrafos, retroprojetores, máquinas de escrever, instrumentos de tortura até o momento em que a sala se tornou um espaço para a exposição das criações dos alunos consiste em um monólito em minha percepção sobre o processo.

Não consigo ver um desenvolvimento gradativo. Uma gradual melhoria... Tudo aconteceu em um período fechado. Sem suturas.

O que foi necessário para isso? O que foi necessário para um professor se tornar menos professor e mais aluno?

Impregnação. E essa impregnação ocorre de que forma? Como impregnar-se? Como deixar a realidade entrar?

Entregando-se. Rendendo-se. Assujeitando-se.

É muito difícil ciliar abdicar das armas.

É muito difícil ciliar abdicar do poder e

é muito difícil fazê-lo na frente de quem não abdicou.

O exercício é negar o rigor - não abdicando da seriedade - de negar o método escolástico, de abdicar das técnicas do conhecimento clássico... Este tensionamento foi o motor e, talvez, o cupim que não permitiu que tudo isso fosse expresso de maneira estruturada e formal. É atômico. É alítico.

Ao final de 400 dias o que se tinha era uma sensação de dever não cumprido. Não de saudade.

Não de alívio.

Um sensação inexprimível de que só havia uma forma de fazer algo junto àquelas pessoas: era estando lá, com elas. Vivendo com elas. Naquela época, não agora. Naquela conjuntura, não nesta. Pois os tempos mudaram. O Golpe veio e as possibilidades ganharam o prefixo “im”. Hoje esta vivência já não mais ocorreria. O ambiente para aquela primavera, hoje, é deserto na Terra.

Não me preocupando com o Devir Giordano Bruno, que não abjura nem teme o julgamento, a condenação nem a imolação, caminhei faceiro ao cadafalso.

Concluí, portanto, que não somos professores. Professores não existem. Só deixa de ser aluno quem morre. Somente a morte finda o aprender.

Este percurso, dentro de um espaço no qual sequer havia liberdade das pessoas darem passos nas direções que queriam, nessa experiência de deslocamento do ponto de vista para novas perspectivas, é impossível crer que “a única função da escola é ensinar” - frase permanente escrita no quadro branco da sala da direção.

No final de 400 dias de distanciamento do caos, que não aceita ser agarrado pelas mãos robóticas da ciência, somente a literatura poderia veicular e expressar quais assujeitamentos e subjetivações ocorreram em um professor que decidiu conhecer um inferno.

A atitude heroica inicial de fazer algo bom para alguém se tornou a inútil e desesperada constatação de que só se pode fazer algo a nós mesmos. Nas interações que ocorreram foi possível que as pessoas vissem que somente fazemos algo por nós e, a partir disso, fazerem algo por/para si.

Os resultados aparecem a longo prazo, em episódios. Encontrei, certa vez, um ex-aluno que me convidou para observar Júpiter. Disse-me que fui a primeira pessoa a mostrar-lhe o mundo em um microscópio. Ele seria, então, o primeiro a me mostrar o mundo em um telescópio. Se vi ao longe, não foi em ombros de gigantes. Foi pela mão de um aluno.

inConclusão

Não iremos salvar a todos.

É impossível salvar alguém.

É impossível salvar a nós mesmos!

A noite não tem fim.

Não amanhecerá.

É derrota garantida.

Sejamos, pois, bioluminescentes. Psicoluminescentes.

Vontades-locomotiva para trilhar o inferno e trinar no Malebolge.

Louco-motivos dos vagões e dos vagalhões do pensamento.

Pirilampos dos abismos. Voejando errantes.

Das fendas que se abrem e que nos permitem flertar com o Nada.

Transumância de sentires. [Taratá. Em terra que não tem dono eu gosto de taratá.]

Arqueologia dos sentidos. [Cavocar. Em terra que tem minhoca eu gosto de cavocar.]

Não há quem cale e enquadre.

Não há dia que (a)pague.

É História.

É Ópera.

* * *

REVERÊNCIAS, *mesuras e procineses...*

ARAUJO, R. A. **1/2 dia 1/2 noite**. 191p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007. [Obrigado por abrir o (des)caminho].

BACHELARD, G. **Le Nouvel Esprit Scientifique**. Paris: Les Presses universitaires de France, 10^e édition, 1968. [É tão difícil que cheguei a contratar um professor de francês para ler e interpretar comigo o original. Há momentos de orgasmo intelectual no texto de Bachelard. Lemos fumando e bebendo vinho].

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989. [Li todo num voo para Atlanta em 2015. É curto, porém denso. Senti grande alento nas palavras desta Aula. Quase como uma drágea de morfina].

COSTA, C. B. **Matérias de escrita**. Dissertação de Mestrado. 2007. 167p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

CAMPOS, M. I. K. **Alfabeto Espiritográfico: Escrita em Educação**. 2013. 101p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

CELMA, J. **Diário de um educador**. São Paulo: Summus, 1979. [A leitura ampliou e provocou reflexões fundamentais que perpassam todo o texto.]

CIORAN, E. **Breviário de Decomposição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

CIORAN, E. **De L'inconvenient d'être né**. Paris: Galimard, 1973.

CIORAN, E. **Nos cumes do desespero**. São Paulo: Hedra, 2012. [Uma vacina para o suicídio. Li taquicárdico. Liszt em filosofia].

CIORAN, E. **O Livro das Ilusões**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

CIORAN, E. **Silogismos da amargura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b. [O rancor transfigurado em comédia. Cianureto filosófico. Gosto porque leio e entendo. É profundo sem ser chato].

CIORAN, E. **História e Utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011c.

DERRIDA, J. **A universidade sem condição**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. [A única coisa do Derrida que li e entendi sem morrer no deserto].

FARINA, J. T. **Deseratação**. 2009. 92p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

FEIL, G. S. **Procedimento Erótico na Formação**. 2009. 247p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

FEYERABEND, E. **Contra o método**. São Paulo: Edito Unesp, 2011.

HUME, D. **Investigação sobre o entendimento humano**. Lisboa: Editora Setenta, 1985. [Recomendado por um amigo, há anos. Li pormenorizadamente sem saber como ia aplicar na tese. Repentinamente encaixou-se no texto e deu sentido a muito do que pensava. É meu “Haendel” filosófico].

MONTAIGNE, M. (1972/1976). **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural. [Sinto raiva de não ter escrito tudo o que escrevi. Queria um castelo e um cérebro iguais aos dele. Nunca canso de Montaigne. É meu alterego diurno].

NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. [Prefiro não comentar...]

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NODARI, K. E. R. **Além da escola**: percursos entre Nietzsche e Deleuze. 191p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

SANCHOTENE, V. C. **A potência da evanescência**: diferenças e impossibilidades. 2013. 101p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

SLOTERDIJK, P. **You Must Change Your Life**. Cambridge: Polity Press, 2013. [Já reli três vezes e continuo gostando sem ter entendido sequer do que se trata o livro. Acho que é síndrome de Estocolmo].

TZARA, E. **L’homme approximatif**. Paris: Gallimard, 1931.

TZARA, E. **Dada Est Tatou Tout Est Dada**. Paris: GF-Flammarion, 1996.

Ilustrações:

Guy Barcellos, *por supuesto*

Desenho cego e aquarela líquida (aguada) sobre papel,
orientado por Beatriz Balen Susin,
que me permitiu expressar esta tese em água, chumbo, som e fúria.
Libertou um dragão em *Technicolor*.

Demais imagens:

Acervo pessoal do autor

Agradeço a

Adriana Barros Woodward, pelo amor incondicional e por ter me ensinado a ser criativo.

Adriana Breda, pelo apoio e o coleguismo frisante e bem humorado durante o doutorado.

Armando Barros, pela amizade granítica e apoio permanente.

Attico Chassot, pelos conselhos de sábio druida e imensa generosidade intelectual.

Bete Madruga, por termos rido e chorado juntos durante o doutorado. Afinal, ópera também é carnaval.

Everson Veiga, pela impecável e implacável revisão final.

Gelsa Knijnik, pela fidalguia em aceitar o convite para ser banca e pela profunda revisão, cujas palavras enriqueceram a experiência epistemologicamente.

João Batista Harres, pela coragem (ou loucura) de ser meu orientador, sempre potencializando e jamais castrando.

José Luís Schifino Ferraro, pelo apoio nas horas em que pensei em desistir e pelas orientações de leitura que abriram as ideias.

Heidi Franco Barros, pelo amor, ternura e cuidado e dulcíssima presença.

Felipe Chemale, pela ajuda nas fiorituras, nos arabescos e na loucura.

Mark Woodward, for his friendship e great sense of humour.

Patrick Houdin, pelas deliciosas aulas de francês nas quais líamos Bachelard com profundidade, alegria, bom vinho e boa conversa.

Regina Maria Rabelo Borges, por ter me ensinado a não deixarem me domesticar e por sempre ver o que de bom existe em minhas ideias.

Ricardo Assumpção, pelo apoio intelectual e moral neste processo tão intenso.

Em especial a Solange d'Ávila da Silva, pelo café¹⁶.

¹⁶ Passado com acolhimento, amizade, paciência, disponibilidade, generosidade, lealdade. Minha aguerrida camarada de trincheira nesta experiência de mergulho, trevas e claridades. Foi um trabalho a quatro mãos e de mãos dadas. A Sol é atemporal.

Anexos (sem nexco)

RESUMO CENSURADO

~~Esta é uma tese irresumível. Não é um texto razoável. Pouco há a ser dito em pouco tempo. Eis um estrondo. Uma celebração da derrota. Expressão para a sensação. Uma cerebração da descida. Neste texto, que não é uma busca de explicação, são propinadas as esvurmações de um desesperado. Gritos roucos de um naufrago a um caranguejo. Entre Dante e Giordano Bruno, busca-se acender pirilampas e re definir contornos de um desenho rupestre dada. É um relato uivado e libado de um nômade, um fugitivo que viu o que queria e não gostou. É uma expressão do caos e assunção da impossibilidade de dizer em texto o que sente o corpo. Nesta confissão de nado catadrômico errante e capenga as palavras são as assassinas das ideias. O texto é um defunto cujo odor será seu veículo explicativo. Vulnerável escrito, miseranda escara de Balduino, aberta à covardia do impossível diálogo entre leitor e autor. A poesia, tábua de salvação e escafandro, é a única saída. A loucura ecora toda tentativa onipotente de transmitir ideia e redenção da dor em transmutar ideais. No desenho cego ilustra-se a im-potência de um (r)existir encharcado das dores de um Werther. Eis um texto abstrato, concretista, dada, eretista e sincerético. Tese sagrada ao devaneio e ao descalabro. Fuga da náusea do rigor (mortis). Desesperada busca de singularidades. Profanação à reza expelida pelas flandeiras de tarântulas amestradas. Tentativa não atingida de dizer como alguém vira o que sempre foi em 400 dias. A contar de agora. Pensar é fatal.~~



DAVID COIMBRA



Prefiro ser chamado de canalha a ser chamado de governista. Quero poder criticar e reclamar.

PÁGINA 2

GISELE LOEBLEIN



O efeito relaxante e antiestresse do equipamento que faz cêcegas em vacas se converte em mais produção.

PÁGINA 24

MOISÉS MENDES



A Argentina está a um palmo de ganhar a Copa que deveria ser nossa. E, sim, eu torço por eles.

PÁGINA 47



9 770104 587028

EDIÇÃO CONCLUÍDA ÀS 22:30

JÁ FOI DITO "O caminho da sabedoria é não ter medo de errar." **PAULO COELHO**, escritor brasileiro



Um museu na escola

Agarizada do instituto Paulo Gama, em Porto Alegre, participa de um projeto inovador. A ideia do professor de biologia Guy Barcellos (à esquerda, de branco) é incentivar os alunos a sonhar e criar o que pretendem expor em um museu que deve ser aberto à visitação em 2015. Com o acervo em produção, reduzir a evasão escolar é a principal conquista. **Sua Vida | 31**



REDAÇÃO
Avenida Ipiranga, 2875
CEP 91549-900
Porto Alegre (RS)
(51) 3218-4900
leitor@zerohora.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
assinante@zbc.com.br
De Porto Alegre e celular:
(51) 3218.8200
Demais cidades:
0800.642.8200

PARA ASSINAR
0800.642.8222
zerohora.com/assinaturas
COMERCIAL
(51) 3218-4900
comercial@zerohora.com.br

ANÚNCIOS
anuncio@grupobts.com.br

TELEANÚNCIOS - (51) 32.139.139
Linha virtual para classificados:
zhclassificados.com.br

ATENDIMENTO PONTO DE VENDA
0800.642.4088
RBS PUBLICAÇÕES
rbspublicacoes.com.br
0800.051.3125

Reportagem publicada na contracapa de ZERO HORA sobre a experiência docente do autor (11/07/2014).



Peterson (D) e Gustavo pesquisam sobre o corpo humano, uma das etapas de construção do conhecimento

EDUCAÇÃO | O MUSEU DA TURMA

A curiosidade é o limite

ACERVO PENSADO E MONTADO nas aulas de ciências do Instituto Estadual de Educação Paulo da Gama se converte em estratégia para prender o interesse dos alunos na escola

KAMILA ALMEIDA
kamila.almeida@zerohora.com.br

Em meio à paisagem de uma escola pública degradada pelo tempo, emerge um museu de dar inveja. Lá, os curadores são os próprios alunos – uma estratégia lúdica para reduzir os índices de evasão no Ensino Médio. O mentor é o professor Guy Barros Barcellos, 27 anos, formado em Biologia. Ele estimula uma postura questionadora dos estudantes, desafiando-os a, juntos, contruírem o museu de ciências no Instituto Estadual de Educação Paulo da Gama, em Porto Alegre.

Quando for inaugurado, no início de 2015, serão mais de dois anos de trabalho. Por enquanto, as peças produzidas pelos estudantes de 1º ano do Ensino Médio são resguardadas em uma sala de cortinas azuis, armários e classes bem cuidadas. Microscópios, maquetes e cartazes formam o reduto da curiosidade de adolescentes instigados a pensar sem medo de errar.

– Claro que eu corrijo, explico, mas os deixo soltos para criar o próprio pensamento. Meu objetivo é que saibam fazer pesquisas – disse Guy.

Os jovens são coabais do livro *Manual de Implantação de Museus Escolares*, lançado

pela edUPUCRS, em 2013, de autoria do próprio Guy, que ingressou na escola em novembro de 2012.

– Antes, eu não me interessava em vir na aula – conta Wagner Nogueira, 17 anos.

– O meu pavor é isso. É que eles vão embora da escola. O primeiro ano é o mais crítico – comenta Guy.

Enquanto Peterson de Abreu e Gustavo Teixeira, ambos de 15 anos, montavam um boneco do corpo humano escolhido entre os livros didáticos, Lucas Oliveira, 17, olhava para o aquário que acabara de montar.

– Estou louco para ver os peixes se reproduzindo – descreve Lucas.

A paixão que fez com que o professor chegasse à escola já com uma coleção de 500 fósseis, alguns com milhões de anos, vem de berço. Ele é filho do museólogo e oceanólogo Lauro Barcellos e cresceu visitando museus. Sobre o tema, já ministrou oficinas em Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina.

O lugar que abriga também projetos dos alunos de 2013, com fósseis inspirados no filme *Jurassic Park*, e reprodução do sistema solar e esqueletos produzidos pelas turmas deste ano, ficou minúsculo. Em breve, os exemplares ganharão redomas e serão exibidos pelos corredores da escola – apenas o começo de um desejo de tornar curadores todos os alunos que passam pela instituição.

ETAPAS PARA FORMAR UM ALUNO-CURADOR EM TRÊS TRIMESTRES

1 Primeiro, ocorre a familiarização com os assuntos, com pesquisas. Palestras também são importantes. Neste ano, a escola recebeu a visita do criador do Globo Ecologia, Claudio Savaget, e do diretor do complexo de museus da Furg, Lauro Barcellos.

2 A segunda fase é de explicação e compreensão por meio da prática dos projetos, em que o professor vai sanando as dúvidas conforme a demanda.

3 Nos últimos três meses, os alunos apresentam o trabalho na Mostra Científica Cultural do Ensino Médio Politécnico, que, neste ano, ocorre em novembro.

DICAS PARA INSPIRAR

Montar um museu é demorado. O professor Guy Barcellos levará mais de dois anos até inaugurá-lo, o que só deve ocorrer no início de 2015. Veja dicas para fazer o mesmo.

É importante que o professor inicie uma coleção de objetos, contendo fósseis, rochas, plantas para estimular a criatividade dos alunos.

Maquetes, esqueletos, aquários, sistema solar ou mesmo cartazes com os resultados das experiências são catalogados e armazenados para o lançamento do museu.

Todo o acervo produzido deve ser guardado em uma sala.

Mesmo que não haja um ambiente específico para a exposição, o material pode ser disposto nos corredores, em redomas de acrílico ou vidro, por exemplo, estimulando o interesse da comunidade escolar.

Antes de virar peça de museu, os trabalhos passam pelo crivo de especialistas de diversas áreas que escrevem uma carta de estímulo sobre o projeto dos grupos, elogiando e sugerindo melhorias.

Mesmo sendo feito nas aulas de Ciências, o museu pode englobar outras áreas do conhecimento, partindo sempre do interesse dos alunos, que são divididos em grupos.

Mais importante do que construir um museu é ensinar a pesquisar. O processo também estimula o professor a investigar.

Conhecer outros museus é importante. Os alunos visitaram o de Gênese e Tecnologia da PUCRS, o de Paleontologia da UFRGS e da Universidade Federal de Rio Grande.

TODO ASSUNTO É VÁLIDO

A maior parte da ementa da disciplina é elaborada a partir dos anseios dos alunos, tendo os seus projetos como ponto de partida. Veja exemplos estudados este ano

- Grandes ditadores da história
- Poluição, uma ameaça aos animais marinhos
- Processos industriais de maquiagem
- Ciência e religião
- O universo: os origens
- Buracos negros
- Serpentes do Rio Grande do Sul
- Animais que vivem nas cavernas (moetegos)
- Homofobia, casamento gay e feminismo
- Aquários
- Plantas medicinais
- Surf: a ciência por trás do esporte



ZH.com.br
Lixe o código acima e acesse a galeria de fotos feitas na escola Paulo da Gama

Pedagógica Pharmacopoeia

Guy Barros Barcellos



Guy Barros Barcellos

Pedagógica Pharmacopoeia

CINCO CONTINENTES

CINCO CONTINENTES

Desacomodar e inovar para alcançar uma "escola de educação". É o que propõe o "Método Guy". Prática que começou a ser construída ainda na infância através das próprias descobertas e iniciação científica pelo seu "parque de diversões": as salas do Museu Oceanográfico de Rio Grande, entre laboratórios, pesquisadores, microscópios, aquários; instalando o seu primeiro museu, no quarto, com a coleção de miniatura de fósseis e conchas e encantando-se pela biologia. Assim, ao longo das experiências como aluno e professor, em suas vivências em escolas públicas e universidades, nos laboratórios, na criação dos museus escolares e nas atividades de alfabetização científica.

Um mergulho numa prática docente que revoluciona os padrões estabelecidos. Uma crítica incisiva e cáustica a uma escola que massifica, engessa, tolhe e elimina os que a ela não se adaptam. (Ao sistema de ensino tradicional, vigente). Mais que um relato da experiência, um soco no estômago, acordando para vicissitudes e mazelas da atual, nem sempre suspeitadas, mas, sobretudo, para a necessidade e possibilidades de uma escola diferente, de uma educação libertária, humana e humanizadora.

É com isto que o autor nos regala nesta sua Paedagógica Pharmacopoeia, que traz a força de sua convicção, vontade e ação. Sem omitir a trajetória de sua formação, da infância ao presente.

Enfim, um texto espontâneo, visceral e instigante como o próprio autor e a prática docente que exerce.

Nesta obra vamos encontrar poções de transgressão e de sonhos de um jovem professor esperançoso na utopia que o acompanha, ideal de quem está, principalmente, interessado em transcender um receituário que acredita ultrapassado e castrador.

Livro publicado sobre a vivência docente do autor.

Guy Barros Barcellos



Guy é clown, jardineiro, cantor de ópera amador, colecionador de palavras, ferrabrás e farmacêutico improvisado.

Nasceu não faz muito, aqui perto.

Também é professor...



Este é um livro para desacomodar.

Um gesto obsceno.

Um aceno aos amotinados.

Um descalabro.

Convite ao meu pensar. Se prestar.

Empréstimo desautorizado de um autor sem eiras nem beiras.

Venenos e remédios não curam a doce doença da utopia.

Naveguemos nesta borrasca, com mapa chamuscado de espirro sulfuroso. Não há porto, nem âncora, nem vela. Luzes acesas. Minha classe é picadeiro. A Educação é meu patíbulo. Sem cabeça, meus frascos são malabares.

